

JOSÉ DOS SANTOS DIAS

MEMÓRIA HISTÓRICO-TOPOGRÁFICA DAS CALDAS DO GERÊS

3.^a EDIÇÃO



CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO

2001

1

Série CADERNOS DE CULTURA

MEMÓRIA HISTÓRICO-TOPOGRÁFICA DAS CALDAS DO GERÊS

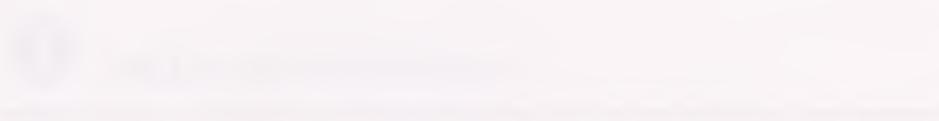
POR
JOSÉ DOS SANTOS DIAS

ESTUDO PRÉVIO POR
JOSÉ V. CAPELA

3.^a EDIÇÃO

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO

2001



MEMÓRIA HISTÓRICO-TOPOGRÁFICA DAS CALDAS DO GERÊS

Título	MEMÓRIA HISTÓRICO-TOPOGRÁFICA DAS CALDAS DO GERÊS
Apresentação	DR. JOSÉ ANTÓNIO DE ARAÚJO
Estudo Prévio	JOSÉ V. CAPELA, Vereador do Pelouro de Educação e Cultura
Capa	A. PACHECO
Edição	CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO
	Depósito Legal N.º 36217

APRESENTAÇÃO

Na última década a Câmara Municipal de Terras de Bouro promoveu a publicação de trabalhos que se prendem com as origens do Concelho («Os Búrios» e os «Privilégios de Terras de Bouro»), com o seu património histórico («Os Miliários» e o «Thesouro de Braga Descoberto no Campo do Gerês»), com os seus usos e costumes («Tipos e Casos — O Labareda») e, até mesmo, com as suas tragédias («Vilarinho da Furna — Uma Aldeia Afundada»).

Todas essas publicações e, bem assim, todas as monografias do Concelho, encontram-se praticamente esgotadas.

Igualmente esgotadas se encontram quase todas as publicações referentes às Termas e à Serra do Gerês e que constituem, indubitavelmente, uma bibliografia notável.

Nestas circunstâncias, e por sugestão do Dr. Viriato Capela a quem está confiada a área da cultura, entendeu a Câmara Municipal iniciar a publicação dos «Cadernos Culturais» e, através deles, divulgar os trabalhos mais representativos do Concelho.

E porque, neste momento, o Gerês se prepara para assumir de facto e de direito a dignidade de vila, parece-nos oportuno dedicar-lhe este primeiro número. Para ele foi seleccionado o trabalho do Dr. José dos Santos Dias, «As Caldas do Gerês», que representa uma bela radiografia das termas de 1811 a 1817.

Terras de Bouro, 30 de Janeiro de 1991

O Presidente da Câmara Municipal
(DR. JOSÉ ANTÓNIO DE ARAÚJO)

ESTUDO PRÉVIO

por JOSÉ V. CAPELA

Em 1800, alguns anos antes do médico partidista do Gerês José dos Santos Dias escrever a sua Memória *Historico-Topographica das Caldas do Gerês* (1811-1817)⁽¹⁾, um alemão, viajando em Portugal em jornada científica, deixa-nos do Gerês uma das descrições mais ricas de policromia que sobre o passado geresiano nos foi legado.

Muitas vezes referido e citado não resistimos também a transcrever, traduzindo do francês para português, as passagens relativas ao percurso desde Vilar da Veiga, passando pelas Caldas e subindo a serra até nela se engolfar:

«Descemos a encosta destas montanhas junto de um grande povoado chamado Vilar da Veiga e seguimos o caminho do vale. Um curso de água rápido, o Rio das Caldas, lança as suas águas com frêmito pelo meio deste vale, as montanhas elevam-se e tornam-se mais escarpadas e quando se avançou cerca de uma légua, uma pequena aldeia de quarenta casas depara-se subitamente atrás de uma pequena colina. Este lugar é afamado pelos seus banhos quentes: eis por que lhe chamam Caldas do Gerez. Demoramo-nos aqui quatro semanas para estudar as curiosidades naturais que se encontram na montanha. Era o tempo em que se tomavam as águas minerais: havia aí por isso também bastante gente.

O vale onde este povoado está instalado é muito estreito. Para Este, as casas estão acostadas contra a montanha; para Oeste, banha-as

⁽¹⁾ A obra é datada de Montalegre, 1825.

um pequeno ribeiro tal como o sopé duma outra montanha; ao Norte, o vale eleva-se abruptamente; ao Sul é limitado por uma colina. As montanhas são muito altas, rochosas, desprovidas de florestas; não é senão nas proximidades do ribeiro que se encontram árvores, os carvalhos, os vidoeiros (rhanus frangula), os azereiros (prunus lusitanica); quanto às oliveiras não se encontram senão nas margens do ribeiro. As montanhas estão cobertas de tojos densos e impenetráveis. Distinguem-se no meio delas os abrunheiros (arbutus unedo) nas margens dos ribeiros, de 6, 8 a 12 pés de altura, os azereiros e duas espécies de codeços (procerus et villosissimus) que ainda não foram descritos. Nos cumes elevados vêem-se carvalhos dispersos, de uma espécie particular. Descendo para o Sul as montanhas são estêreis, e não produzem senão tojo e urze sobretudo as cistus scabrosus, Ait. cheiranthoides, Lam. et d'Erica umbellata.

Desde há alguns anos este sítio é frequentado por causa dos banhos; o número de casas aumenta sempre, de modo que este lugar, pouco extenso, em breve não oferecerá mais espaço. Os banhos atraem aí pessoas vindas desde a mais pequena cidade do Minho e acontece muitas vezes que os ingleses do Porto visitam estes banhos. Porque o seu clima é muito rigoroso, os habitantes deslocam-se para Vilar da Veiga no Inverno e aí regressam em Maio. As casas são construídas em pedra; todas de um piso de altura, não têm senão quartos muito pequenos e fracos, a maior parte sem caixilhos de vidro, o soalho esburacado; os móveis não passam de uma mesa grosseiramente trabalhada e as cadeiras igualmente más; é-se obrigado a prover-se do restante mobiliário. Enganar-se-ia quem pensasse encontrar aqui habitantes e ser servido: ordinariamente não fazem senão abrir a casa e pôr à disposição do estrangeiro as suas quatro paredes. Para alimentação encontra-se apenas a carne de vaca, arroz, laranjas, vinho da região, que é bastante azedo, e às vezes vinho de uma melhor qualidade do Douro e muito raramente peixe. Açúcar, especiarias, café e as restantes provisões, é-se obrigado a fazê-las vir de Villar da Veiga, que é a uma légua de distância; mesmo aí esses artigos são raros. Há aqui porém um boticário, mas quanto a médicos, não se encontram. Um pequeno espaço de algumas centenas de pés de comprimento e largo constitue o passeio. Ir de carro aos arredores é uma coisa impossível: as pessoas débeis e as mulheres viajam de liteira como em muitos outros lugares montanhosos de Portugal, que em vez de serem transportados por homens, como se pratica entre nós, são-no por dois cavalos. Caldas, nos limites do Reino, escondido numa região selvagem, está quase esquecida pelo governo.

As nascentes de água quente brotam do lado Este e saem de um penedo de granito, no sopé de uma alta montanha. Há quatro, cada uma com seu nome particular, por exemplo, da Figueira, por causa da figueira que a ensombra, do Bispo, etc. Sobre cada uma delas construiu-se uma pequena casa quadrada, no meio da qual há um fosso em pedra para que se possa banhar. Não pode aí entrar senão uma pessoa de cada vez. Um pano faz as vezes de porta. Quando ele está descido é uma prova de que alguém está no banho: mas as mulheres desconfiam um pouco dos olhares dos homens e colocam uma criada à porta. A água que se bebe colhe-se no sítio onde ela jorra da rocha, antes que vá lançar-se nos banhos.

Uma destas fontes contém gás sulfuroso, mas em pequena quantidade; as outras fontes têm menos. Uma delas parece mesmo totalmente desprovida. Por outro lado, a água não produz nenhum efeito visível sobre os reagentes que levávamos, por exemplo, sobre o salitre, o antimónio, mas ela parece pelo contrário muito límpida. Os graus de temperatura variam. Há uma que é sensivelmente mais quente que a das Caldas da Raynha. A temperatura não ultrapassa porém os 40° de Réaumur e pode-se tomar banho na mais quente.

Tomam-se estas águas minerais desde o mês de Junho até ao mês de Agosto. É verdade que no vale estreito a temperatura é muito quente, mas os nevoeiros das montanhas refrescam-no muitas vezes.

A gente levanta-se às quatro horas da manhã, toma banho depois de beber a água e em seguida passeia-se até às sete horas.

Depois de ter descido para o vale, segue-se o caminho por sob o povoado, que é muito escarpado. As pessoas fracas do mesmo modo que as mulheres, montam uma mula ou um asno. De regresso almoça-se e janta-se ao meio dia. Depois de jantar faz-se a sesta. Toma-se banho ainda às quatro horas e bebe-se água; faz-se um segundo passeio no momento em que o sol abandonou o vale; em seguida reúnem-se em convívio para tomar chá ou para jogar e depois das dez horas cada um recolhe-se a sua casa, para tomar uma ligeira ceia. Eis o género de vida que se leva neste sítio afastado. A dieta que aí é prescrita e que a tradição transmite, já que não há aqui médico, é igualmente severa e ridícula. O pedantismo e a charlatanice destes fulanos chegou mesmo até aqui. Elogiam-se muito os efeitos do banho. Não há dúvida que os banhos quentes devem operar efeitos salutares; mas é preciso também entrar em linha de conta com os que produzem os passeios, a mudança de ar, a dieta prescrita ou mais ainda a dieta forçada, pois há aí falta de todas as coisas. Os simples bebedores d'água melhoram provavelmente por esta última razão.

O tom da sociedade depende dos homens que a compõem. A nobreza do Minho, que é pobre, mas muito numerosa, forma a grande maioria. Esta nobreza vale talvez mais que a nobreza rica que está junto à Corte, mas é orgulhosa como toda a nobreza portuguesa, ainda que seja difícil disso se aperceber na primeira conversa e através da cortesia nacional. Mesmo neste pequeno local, a sociedade das pessoas de distinção faz o generoso sacrifício do seu próprio prazer, estabelecendo as linhas de demarcação que muitas vezes separa a sociedade verdadeiramente polida daquela que não tem senão o nome. Uma mulher de alta condição nunca sai sem que o seu escudeiro vá à frente uns vinte passos, levando a sua sombrinha na mão. Uma dama de distinção, sujeita a histerismos, faz-se mesmo seguir por um criado que leva um turbulo. A gente de sociedade é de resto muito pouco numerosa e ficamos por isso muito admirados um com o outro, por aí passarmos o nosso tempo sem constrangimentos e nos divertirmos segundo a nossa fantasia. O espírito satírico dos Portugueses mostrou-se mesmo num jogo que tínhamos feito sobre as pessoas que compunham a sociedade. As mulheres não são porém intratáveis e podemos passar horas agradáveis sob os bosques frondosos formados por azereiros, ao lado dos quais os riachos se precipitavam das montanhas: estava-se assim ao abrigo dos olhos indiscretos. Estas raparigas encantadoras, muitas vezes de uma condição elevada e que receberam uma educação esmerada que são sensíveis às belezas da poesia, aos versos ternos gravados sob a casca dos azereiros, entretêm-se, porém, entre si numa ocupação muito desagradável, que é a de se catar mutuamente a piolhada.

A Serra do Gerez estende-se, falando de um modo geral, de Este para Oeste, mas muitas das suas formações dirigem-se para Sul. O vale onde Caldas fica situado, toma a mesma direcção: eleva-se de maneira crescente para Norte, mas somente até um certo ponto; desce de novo para as fronteiras da Galiza, a três léguas de Caldas. De seguida torna-se cada vez mais compacta, torna-se rochosa e está coberta de floresta. Caminha-se por fim à sombra de carvalhos elevados e frondosos; com riachos que murmuram em redor e vislumbram-se blocos rochosos nus e retalhados, a montanha toma um aspecto selvagem e majestoso.

(M. LINK — Voyage en Portugal depuis 1797 juqu'en 1799... traduit de l'Allemand.
Tome seconde, a Paris, 1803, pp. 12-19)

Deslumbrante e deslumbrado na descrição do «belo horrendo» do maciço montanhoso da Serra, dos seu património animal, vegetal e mineral, Link, o viajante alemão de que tão largamente nos servimos para a caracterização da paisagem geresiana nesta mudança de século, não é certamente tão lisonjeiro na descrição dos costumes e civilização das classes altas portuguesas que às Caldas vem espriar a sua vaidade e prosápia, nem do estádio de desenvolvimento e condições de acolhimento do seu povoado. Excessos de cientista ou preconceitos de estrangeiro relativos a um país que ao longo de toda a descrição da sua viagem por Portugal aparece um tanto maltratado!

Fixemos, porém, rapidamente os elementos com que nos caracteriza a terra.

As *Caldas* não são ainda, no seu testemunho, um povoado, isto é, um núcleo de população residente. É tão só uma colónia de veraneio que acolhe num período muito curto — de Maio ao início do Inverno — os proprietários residentes em Vilar da Veiga que vem receber e abrir as portas aos alugadores das suas casas. Casas duvida ele, porém, que se possam verdadeiramente chamar àquelas moradas térreas de pedras, acostadas à montanha, sem móveis, sem vidraças, nem comodidades. Os caminhos de acesso são péssimos, as «infra-estruturas» médico-sanitárias e assistenciais de serviço às Caldas, ínfimas: refere tão-só a existência de um boticário. Médico não há, a capelão não se refere.

Apesar de tudo Link não se coíbe de referir a frequência crescente de banhistas vindos alguns de muito longe aos banhos das Caldas, cujos efeitos terapêuticos ele duvida se são realmente das águas, se da dieta (forçada, em seu entender pela falta de géneros) ou dos passeios pela Serra! As más condições de viação e acessos, as insuficiências de alojamento e de subsistências, por ele tão largamente alardeadas, não impediam, porém, uma já elevada procura pelas Caldas, assim como a sua frequência por uma clientela seleccionada: classes altas e

fidalgua portuguesa que se faz acompanhar por criados e escudeiros, que comem carne de vaca — peixe não, porque o não havia — tomam chá ao fim da tarde, bebem vinho do Porto, viajam, e as mulheres fazem-se deslocar de liteira...

Impressões de viagem são sempre impressões de viagem e em muitos aspectos o relato de Link não foge à regra. Se não atentemos e confrontemos com a descrição que das Caldas nos deixa Santos Dias, cuja *Memória* sobre o Gerês agora se reedita, mas também com mais alguns testemunhos documentais coevos, para captar a terra nesse longínquo ano de 1800.

José Santos Dias, o médico que em 1811 chga ao Gerês para exercer a profissão — nos meses de banhos, claro — e aí se demorará alguns anos, dá-nos seguramente um testemunho da Terra mais exacto e completo, em muitos aspectos a contrastar com as informações prestadas pelo alemão ou a lançar luz sobre aspectos por ele nem sequer afluídos (2), não dedicasse ele à terra uma atenção, diríamos mesmo um carinho particular.

De facto muito mais informação nos dá o médico que o viajante-botânico não viu: os arranques da ponte sobre o Rio Cávado, mandada construir por D. João V (1706-1750), entretanto arruinada; as fiadas do «*Hospital dos Banhos*» que se não concluiu; sete casas de dois andares, algumas casas com cinco, seis e oito salas e mais acomodações como as do Abade de Rossas, do Capitão-mor e do Abade de Lobjigos. E como que a responder a Link, enumera pelo menos onze moradas de casas com vidraças. Mas sobretudo o que se estranha é não ter referido a Capela de Santa Eufêmia, construída por

(2) Escusamo-nos a tecer mais considerações sobre José dos Santos Dias tendo em vista a introdução já feita por Tude de Sousa, na 1.^a edição desta *Memória*. De qualquer modo salientáramos uma característica que não é comum nem frequente nos memoristas do tempo: o sentido de rigor, numérico, quantitativo ou estatístico. O autor, provavelmente pela sua formação técnico-científica tem esse sentido, que exprimiria mais largamente num trabalho posterior: *Ensaio Topographico Statistico do Julgado de Montalegre pelo Bacharel José dos Santos Silva em 1834 e 1835. Actualmente Administrador Substituto e médico do Partido da mesma em 1836*. Porto, 1836.

D. João V, que se não era grande, era pelo menos bem proporcionada e de *boa arquitectura*, como se lhe refere o médico partidista.

E o abastecimento não era assim tão deficiente como relata o alemão. Santos Dias refere o corte e venda diária de carne, a existência de lojas, vendas e botequins, com bom abastecimento de vinhos verdes e maduros, víveres, frutas, lenhas e pastos para o gado... em cujo fornecimento se ocupavam, entre outros, muitos moradores de Vilar da Veiga e freguesias das redondezas. Na descrição do parque habitacional, Santos Dias é bem mais completo e preciso. Enumera as casas, alguns dos seus proprietários, teve o cuidado de fixar, com base nas informações dos registos da Fazenda Pública, a sua contribuição para a décima (que ele imprecisamente refere como foro) e o quanto rendem os aluguéis aos seus proprietários.

Utilizando certamente os documentos que Santos Dias já utilizara, os registos de lançamento da décima, ainda que referentes a alguns anos antes, 1811⁽³⁾, tentamos ir ainda mais longe na caracterização urbana e social da colónia geresiana dos inícios do século passado, testando aquele conjunto de informações, mais ou menos literárias, mais ou menos descritivas.

Enumeram-se naqueles registos, ao todo trinta e cinco casas e uma tapada. Dessas, cinco moradas estão arruinadas ou demolidas (o que impressionou Link!), não pagando imposto ou sofrendo redução por causa disso. As casas pertencem a vinte e cinco proprietários, o que significa que alguns deles têm mais que uma morada. Muitos dos proprietários são lavradores residentes em Vilar da Veiga: identificamos oito casos, cotejando o rol dos nomes dos proprietários de casas das Caldas com os dos proprietários dos lugares da Ermida e Santo António

⁽³⁾ Arq. Distrital de Braga, *Fundo da Provedoria de Guimarães*, Ribeira de Soáz, 1811, pp. 47-48.

de Vilar da Veiga⁽⁴⁾. Outros proprietários são de fora da freguesia. De salientar o grande número de eclesiásticos: o abade de Parada, o abade de Rio Caldo, o abade de Lobrigos e os padres Leandro de Sousa, Domingues Pires, Félix Antunes, Félix de Sousa, Félix de Soengas e António de Abreu Lima (duas grandes moradas). No total nove clérigos, com dez casas, das maiores, a inferir pelas cotas das décimas pagas. Pertencem-lhe portanto 1/3 das moradas, mas pagam 41,4% do total da décima do lugar. Por este registo, localizou-se também a casa de residência do cirurgião do partido e de uma outra figura importante da freguesia, as casas de que é proprietário o capitão-mor Francisco António de Araújo.

Fica, porém, bem clara a expressiva representação do clero. A crer nos testemunhos frequentes vezes aduzido de que se deve a um Padre de Covide, no século XVII, a descoberta e divulgação do valor curativo das águas geresianas, o clero da região, continuará a assumir, pois, um largo papel na divulgação do valor das águas e seria também, naturalmente, o primeiro que beneficiou, dos seus efeitos curativos e proveitos lucrativos!

Link também não deu pela existência do médico, cirurgião e capelão nas Caldas. É natural que aí se não encontrassem aquando da sua passagem. Mas eles estavam criados desde 1745. Desde essa data que se lhes fixara salário pago pelas rendas das sisas dos concelhos das comarcas nortenhas: Porto, Guimarães, Viana e mais tarde também Braga, como largamente refere Santos Dias. E com ordenados bem avantajados se os compararmos com o que recebiam os demais partidistas municipais. O médico na forma da provisão começou a receber 40.000 réis e no tempo que escreve já recebia 150 mil, o cirurgião e o capelão, 80 mil cada. Pagamento largo tendo em vista, certamente, as condições difíceis de longínquas do

⁽⁴⁾ Santos Dias refere 36 moradas em 1815. teria havido tão grande construção nesses quatro anos que medeiam entre 1811 e 1815? Ou simplesmente critérios diferentes no lançamento e fixação da décima? Mais provável a segunda hipótese.

exercício das suas profissões. Mas repartido pelos inúmeros concelhos que integravam aquelas comarcas vinha a representar muito pouco a cada um. A Província assumia assim o pagamento dos encargos com os três oficiais essenciais ao funcionamento das Caldas prontas a acolher a mais alta clientela de toda a sua vasta região, para quem elas trabalhavam.

A criação de três partidos do médico, cirurgião e capelão, em 1745, tal como a capela, residência para os partidistas, ponte sobre o rio Cávado, melhoria dos caminhos, etc., anda associada, naturalmente, ao avolumar da frequência das Caldas então sentida. Santos Dias diz que se verificou por volta de 1730. Mas a ocorrência, quase simultânea, de três mortes nas Caldas do Gerês, poucos anos antes, cujo registo localizamos nos livros de óbitos de Vilar da Veiga, deve estar muito directamente ligada à instituição daqueles empregos, pelo menos do partido do médico. Foram de facto, os únicos casos mortais que provavelmente ocorreram nas Caldas e que identificamos percorrendo os registos de óbitos do século XVIII da freguesia. Refiro-os porque dão indicações interessantes sobre os frequentadores das Caldas, suas comitivas e origem geográfica e social.

Um primeiro registo assinala o falecimento de Manuel, escravo do licenciado Cónego Luís Botelho, de Braga, a 22 de Outubro de 1742. Morreu, vindo a acompanhar o seu amo; um segundo, o falecimento de Luís Pinto, abade de Castelões, Bispado do Porto, ocorrido a 23 de Julho do mesmo ano; um terceiro, o falecimento do Dr. António Luís, filho de um boticário de Braga, ocorrido a 30 de Agosto de 1742. Foram todos enterrados em Vilar da Veiga⁽⁵⁾. O falecimento quase simultâneo faz pensar na ocorrência de qualquer surto epidémico, local, a exigir maiores cuidados. E a criação daqueles lugares de médico e cirurgião, para além do capelão, pode estar muito bem em relação com estes acontecimentos

(⁵) A.D.Braga, *Terras de Bouro*, Livro 3 misto de Vilar da Veiga, fls. 188-188v.

funestos que causaram certamente forte impressão e apreensão para o futuro das Caldas a que houve que ocorrer. Muito seguramente a sua causa próxima.

Para além da caracterização topográfica e histórica desse povoado em formação, Santos Dias alongar-se-á na descrição das Caldas e caracterização do valor termal e curativo das águas, que Tude de Sousa e outros autores bem salientaram. Mas para além desse contributo ele lega-nos um desenvolvido programa de aproveitamento e modernização das suas instalações, mas também das infra-estruturas rodoviárias, urbanísticas, materiais, sociais e administrativas que permitissem a melhoria das condições de viação, instalação, serviço e abastecimentos à população que aí vem curar seus males ou retemperar suas forças.

Muitos dos melhoramentos futuros seguiram, de facto, o seu plano. A sua reflexão e a sua acção ajudou a desenhar e modelar o Gerês do futuro. Por isso pensamos que a sua obra merecia uma maior divulgação.

E com ele iniciamos a publicação da série *Cadernos Culturais* da Câmara Municipal, vocacionados para divulgar os valores e os estudos sobre a nossa cultura, a nossa história e o nosso património.



172102

MEMORIA
HISTORICO-TOPOGRAPHICA
DAS CALDAS DO GERÊS

POR
JOSÉ DOS SANTOS DIAS

Médico do partido das mesmas
Nos annos de 1811 até 1817

MONTEALEGRE
EM 1825

Com Introdução e Notas
DE
TUDE M. DE SOUSA



LISBOA — 1942

SEPARATA DO
IV VOLUME DO ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTUGAL



INTRODUÇÃO

O Dr. José dos Santos Dias, autor desta MEMORIA e médico pela Universidade de Coimbra, exerceu a sua profissão no partido da Câmara de Montalegre desde 1810 até 1846, ano em que morreu a 19 de Setembro, e fez, como médico do partido das Caldas do Gerez, as temporadas de Junho-Setembro de cada ano, de 1811 a 1817. Sócio correspondente da Instituição Vacínica, da qual recebeu a medalha que ela costumava conferir como prémio aos seus membros beneméritos, foi, sem nenhuma dúvida, um profissional ilustrado e sabedor, a quem o Gerez ficou a dever serviços e estudos relevantes para a época em que decorreram e com os quais se abriu, para o futuro, uma janela sobre novos métodos e orientações novas.

O falecido e sábio Mestre da Medicina, Prof. Ricardo Jorge, autor dos primeiros estudos científicos que definitivamente consagraram o Gerez, tirando-o dos empirismos em que vinha sendo procurado desde recuados tempos ⁽¹⁾, presta ao Dr. Santos Dias valiosa homenagem em palavras do mais alto conceito.

«... Não era com suposições e hipóteses que avançava o conhecimento das águas do Gerez, mas sim com noções exactas colhidas escri-

(1) O Gerez Thermal (Pôrto, 1888) e Guia Thermal (Pôrto, 1891).

pulosamente por uma observação metódica. Assim o compreendeu e executou José dos Santos Dias, médico de Montalegre, ao tempo no partido do Gerez, procedendo durante os anos de 1811 e 1812 à medição das temperaturas termiais. Só então perderam as águas a sua vergonhosa virgindade termométrica.

Santos Dias era um homem de mérito não vulgar e como tal elogiado por Balbi no seu *Essai Statistique* (1); dizem que deixara inédita uma Memória sobre as Caldas do Gerez.

O zeloso facultativo, sabendo quanto eram desconhecidos dos «professores clínicos» o nome, número e temperatura dos banhos das Caldas, e atendendo aos prejuízos que daí resultavam para os enfermos por êles mandados, publicou as suas tábuas de temperaturas termiais no *Jornal de Coimbra* de 1813.

Santos Dias usou do termómetro de Gabelio, graduado pela escala *Reaumur*; a cada observação tomava a temperatura ambiente e depois a das águas nos tanques. É para notar que se esquecesse de medir a temperatura das nascentes; apenas mediu a da Bica na sua emergência. Do que queria saber o prático, era do calor dos banhos, que êle apreciou com certo escrúpulo e exactidão.

A designação dos poços pouco difere da actual. Figuram pela primeira vez Santo António, Borges, Duas Bicas; e das Águas Novas ainda aparece com o baptismo de Terceiro (2).

(1) Efectivamente, *Adrien Balbi*, no *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal*, (Paris, 1822), no vol. 1.º, a pag. X, cita o nome do Dr. José dos Santos Dias, médico em Montalegre, entre os de muitos outros de pessoas da melhor situação nas letras, nas sciências, na política e na governação, etc., a quem deveu elementos de trabalho e de estudo para a sua interessantíssima obra, ainda hoje merecedora de muito apêço. E, no vol. 11, a pag. LXVI, no cap. com o título *Médecine, Chirurgie et Pharmacie*, no qual dá relação dos nomes ilustres naquelas profissões, diz também, referindo-se ao Dr. Santos Dias, o seguinte: «...Em Montalegre, o Doutor José dos Santos Dias, médico distinto a quem devemos as únicas observações meteorológicas, feitas em Montalegre, as quais nos proporcionaram elementos para conhecer a temperatura do planalto setentrional de Portugal».

(2) Nesta Memória já o Dr. Santos Dias, ao descrever o Tanque n.º 8, único a que não dá nome, diz que, quando não havia senão seis banhos, êle se denominava «o 3.º», não tendo nascente própria; mas que, em 1816, descobrindo-se uma nova nascente, para êle encaminhada, «pela descoberta desta nova origem o vulgo lhe ficou

Graças ao médico de Montalegre o termómetro entrara regularmente nos hábitos termais do Gerez. Os poucos facultativos das Caldas, de então até hoje, é raro que não tenham procedido às medições termométricas. O povo ficou lá chamando à sábia operação pesar as águas. E no encalço dum observador benemérito, a pesagem das águas serve de certidão de suficiência a muito medicastro das Caldas» (1).

É certo que desde muito se vinham publicando estudos referentes ao Gerez, mas todos elles se ressentiam das insuficiências e do espirito da época. Depois das referências do Dr. Francisco da Fonseca Henriques (o Dr. Mirandela), no Aquilegio Medicinal (1726)—as primeiras em letra de imprensa—e depois do Methodo Pratico Para se Tomarem as Caldas do Gerez, do Abade António Mártens Beleza (1763), «peça documental de primeira ordem para o problema histórico da medicina thermal portuguesa . . . primeira monografia das águas termais portuguesas» (Ricardo Jorge), apareceram, em 1779, as Reflexões Experimentaes Methodico Botanicas, de Fr. Cristóvão dos Reis, havendo ainda outros antigos trabalhos, alguns dos quais ficaram inéditos e outros se extraviaram.

Era, de-certo, a estes, inéditos e extraviados, que se referia Ricardo Jorge, ao dizer que «foi o Gerez objecto de estudos scientificos e médicos que não chegaram a receber divulgação. Onde param hoje os preciosos manuscritos, para mim agora de mais valor que os mais raros incunables? Segundo afirma o bibliógrafo Barbosa, António de Mena Galvão escreveu uma Historia Physico-Medica das Caldas do Gerez, que estava pronta para a estampa. . .; Sanches de Frias diz constar-lhe dum manuscrito antigo existente em Belém nas mãos dum particular, e o professor Gramacho falou me dum outro elaborado por um médico distinto com prática no Gerez, igualmente extraviado» (2).

Felizmente, tal não aconteceu com este último, que é, sem dúvida, o manuscrito do Dr. José dos Santos Dias, o qual, a-pesar-das vicissi-

também chamando o Poço das agoas-novas». — Com a Emprêsa que se seguiu, no Gerez, ao Dr. Ricardo Jorge, foram demolidos todos os poços e construídos no seu lugar a casa e o estabelecimento de banhos de segunda classe, ainda existentes.

(1) O Gerez Thermal, pág. 48.

(2) Idem, pág. 38.

tudes por que teria passado, veio, finalmente, a aparecer em condições que permitem a sua publicação, que aqui se faz.

Havia ainda o manuscrito, Diário Philosophico da Viagem ao Gerez, por Joaquim Vicente Pereira Araújo, que não foi impresso, mas que foi do conhecimento e leitura do Prof. Ricardo Jorge e cujo paradeiro é conhecido (1).

Outro existe também, que me pertence por o ter comprado em Junho de 1928 no leilão da livraria do falecido bibliófilo Manuel de Carvalhais, do Paço de Cidadelhe, em Mezão Frio (Douro), cliente e amigo certo do Gerez, e por êle adquirido do espólio do erudito professor braçarense, Dr. Pereira Caldas. É, porém, lamentável que não tenha indicação de titulo nem de autor.

Pertence actualmente a Memória do Dr. Santos Dias ao Sr. Amadeu César, escriptão do Tribunal Judicial da comarca de Vieira, a quem agradeço a confiança de mo ter facultado e permitido a sua reprodução. Quanto ao seu paradeiro anterior, é mais que provável que ela, por morte do autor, houvesse passado a seu filho, o padre José Adão dos Santos Moura, abade de S. Vicente de Vila Chã e mais tarde arcipreste de Amares e abade de Caires. Pelo menos, assim é de presumir pela referência que lhe faz Inocêncio Francisco da Silva no Dicionário Bibliográfico, e pela circunstância anotada no livro Serra do Gerez, na qual digo que a Memória estivera, por empréstimo, em poder do padre Sebastião Pires de Freitas, de Covide, que dela extraiu algumas notas para um seu manuscrito, que igualmente possuo.

O trabalho está regularmente conservado, com letra quasi toda

(1) Dêste manuscrito diz o Sr. Dr. Santos Silva, Filho, em Portugal Médico, vol. XVIII, n.º 7, de Julho de 1834: «Este relatório nunca chegou a ser impresso. O original pertenceu ao abade de Miragaia, que facultou a sua leitura ao Prof. Ricardo Jorge. Hoje é seu dono o bibliógrafo Matias de Araújo Lima que, por 15800 o comprou no leilão da livraria que foi de Joaquim Gomes Macedo». — O titulo completo do manuscrito é: Diário philosophico da viagem ao Gerez que por mandado de sua Alteza o Serenissimo Senhor D. Gaspar, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas fizeram o Dr. Manuel Joaquim Maya Coelho incumbido das observações mathematicas e Joaquim Vicente Pereira d'Araujo das Philosophicas no anno de 1782». — No livro Gerez (Imprensa da Universidade de Coimbra — 1927) transcrevi algumas notas dêste Diário referentes ao regimen comunalista da freguesia de Vilar da Veiga.

perfeitamente legível, mas abundante de pontuação e de palavras escritas por abreviatura, como muito se usava naqueles tempos. Além disso, aparece muitas vezes a troca dos bb por vv e vice-versa, defeito que não é muito de admirar nem difícil de se encontrar ainda no Norte, pelo menos na conversação, mesmo em pessoas regularmente ilustradas.

Em tudo se fez porém a diligência por manter a pureza do original, pondo apenas por extenso, para mais facilidade de leitura, as palavras abreviadas e mudando um ou outro sinal ortográfico, para mais fácil intelligência. Certas emendas claramente muito posteriores e feitas sobre as palavras primitivas por algum fiscal da lingua por cujas mãos o original passou, não foram aproveitadas, sempre que foi possível ler o que por baixo delas fôra escrito pelo autor.

Assim, pois, é entregue à publicidade a Memoria Historico-Topographica das Caldas do Gerês, do Dr. José dos Santos Dias, merecedora de um valor que é desnecessário encarecer, não só porque o autor bem merece esta homenagem, como também pelo que ela representa para a história da evolução da estância e das suas águas medicinais, as quais, como nenhuma outra do nosso país, têm desde muito longe prendido as atenções, os estudos e os cuidados dos homens que em cada época se interessaram pelas suas virtudes curativas.

E não só às Aguas foram attribuídos êsses estudos, como igualmente o foram à Serra, que é uma maravilha na paisagem portuguesa e que assegura uma riqueza sem limites na variedade e interêsse peculiares da sua fauna, da sua flora e de toda a sua constituição, a pontos de o Gerez contar, como nenhuma outra estância e como poucas ou talvez nenhuma outra região do país, mesmo das mais privilegiadas, uma extensa e variadissima bibliografia, para a qual êste trabalho vem dar também o seu pequeno contributo.

TUDE M. DE SOUSA

MEMORIA HISTORICO-TOPOGRAPHICA DAS CALDAS DO GERÊS

Hoc opus, hoc studium parvi proparemus et ampli,
si Patriæ volumus, si nobis vivere cari ⁽¹⁾.

HORAT.

PREFAÇÃO

SENDO huma verdade incontestavel que huma Nação pode extrahir do exacto conhecimento e applicação das produções do seo pais innúmeraveis utilidades em beneficio publico d'Agricultura, do Comercio, das Artes, e Saude dos povos, por assinte os objectos mais uteis são os menos cultivados.

O conhecimento das origens d'agoas mineraes, tanto quentes, como frias, sua natureza, e propriedades, que a natureza tão prodiga e liberalmente repartio com o terreno de Portugal, acha-se ainda pouco adiantado; algumas são ainda desconhecidas; outras mal analyzadas; e poucas ainda bem analyzadas, segundo os principios da Chymica pneu-

(1) «Este trabalho, êste cuidado mantenhemos das cousas pequeninas como das de mais vulto, se da Pátria e de nós mesmos quisermos viver dignos».

(Esta tradução, bem como a de tôdas as outras citações em latim que apparecem no decorrer do presente trabalho, foram feitas obsequiosamente pelo illustre escritor e missionário, do Espírito Santo, Senhor P.^o J. Alves Correia, por intermédio do Capelão da Colónia Penal de Sintra, Senhor P.^o Manuel Vicente Caetano. A um e outro os maiores agradecimentos. — T. M. S.).

mathica, e estas mesmas, como as das Caldas da Rainha, para chegarem ao estado em que actualmente se achão jazerão por longo tempo em negligencia e cego empirismo desde os fins do seculo 15, Reinado do Sr. D. João 2.^o, Cuja Augusta Esposa D. Leonor as instaurou, athe ao Reinado do Sr. D. Jozé que ordenou a sua analyse, a qual se publicou no felis Reinado da Snr.^a D. Maria 1.^a. Felismente ja hoje possuímos mais analyzes feitas por differentes investigadores: Jacob de Castro Sarmiento, em 1735; Joze da Cunha Pessoa, em 1778; João Nunes Gago, em 1779; Joaquim Ignacio de Seixas Brandão, em 1789; Guilherme Withering, em 1793 (1).

Desta sorte, ainda que serodia, não tem athe aos nossos dias participado as Caldas do Gerês (2); ali a natureza, como avara das suas pro-

(1) *Jacob de Castro Sarmiento*, que antes usava o nome de Henrique de Castro Sarmiento, nasceu em Bragança, em 1691, formando-se em medicina na Universidade de Coimbra em 1717. Suspeito de hebraísmo e para fugir à Inquisição, foi para Londres, onde fez profissão pública daquele credo religioso e foi um dos rabinos mais considerados da sinagoga daquela cidade. Sábio de grande nomeada e consideração, publicou numerosos trabalhos.

João Nunes Gago, foi médico da Misericórdia de Lisboa, onde ainda exercia clínica em 1785. Foi sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa e publicou um tratado fisico-químico-médico das Caldas da Rainha, deixando várias *Memorias* sobre diferentes águas, que não chegaram a ser publicadas.

Joaquim Inácio de Seixas Brandão, doutor em medicina pela Universidade de Montpellier, foi médico do hospital das Caldas da Rainha e escreveu umas memórias dos anos de 1775 a 1780 das águas das mesmas Caldas.

Guilherme Withering, formado em medicina e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e da Sociedade Real de Londres, escreveu, em inglês, com tradução portuguesa em frente, uma *Análise Clínica das Caldas da Rainha* (1795). («*Diccionario Bibliographico Português*,» por Inocência Francisco da Silva, Vol. 3.^o e 4.^o).

José Martins da Cunha Pessoa, médico e escritor, nascido em Alcanena, formou-se em Coimbra em 1778 e exerceu clínica em Lisboa, onde adquiriu fama e foi médico da Real Câmara. Sócio efectivo da Academia Real das Ciências, escreveu: *Analyse das Aguas thermaes das Caldas da Rainha*; *Memoria sobre as minas de ferro da Figueira*; *Memoria sobre o nitro e utilidades que d'elle se podem tirar*, etc. (*Enciclopédia Portuguesa Illustrada*, por Maximiano de Lemos). (T. M. S.).

(2) Parece não ter razão o Dr. Santos Dias nem os autores que depois d'ele se tem referido a análises das águas medicinaes do Gerez. No velho manuscrito que peossuo de que já falei, refere-se o autor aos «constantas mineraes e graus de calor de

duções, falves as mais ricas deste genero, as intezourou, vedando a sua natureza e propriedades athe hoje aos olhos dos observadores.

Os Medicos que me preçederão nada tem concorrido para fazer conhecer estas agoas, contentando-se só com rotinas empiricas. Os que de diferentes partes tem concorrido ali a procurar o beneficio daquellas agoas ou entertimentos, se tem colligido algumas observações practicas não as tem publicado, que eu saiba; assim a muntos são ainda desconhecidas. Eu poderia ainda hoje dizer sem pejo a respeito das Caldas de Portugal, o que em outro tempo di'ia Hoffman a respeito das Caldas d'Allemanha, «Que herão desconhecidas a todos, ou à maior parte dos Medicos as Caldas daquelle Pais; quando ao mesmo tempo Duhamel contava dentro delle 300 Origens Mineraes». He sem duvida vergonhozo para a nossa Nação, e para os sabios della a ignorancia, e negligência, em que se está sobre a natureza de muntas Origens Mineraes, principalmente sôbre as do Gerês.

Sim huma nação, que tendo no seo seio alguns Chymicos se não maiores, ao menos iguais aos milhores da Europa ⁽¹⁾ não se tenham lembrado de encarregar estes sabios d'Analyse das Origens Mineraes, liberalizando-lhes todos os auxilios e instrumentos necessarios para este util fim. Este descuido torna-se mais reprehensivel, quando sabemos por huma parte se dispendem sommas avultadas com Philozoffos Viajantes com o fim de conhecerem as produções dos paizes estrangeiros,

de cada posso» e diz que começou as suas observações no dia 18 de Agôsto de 1756, pelas dez horas da manhã «tempo em que aquelle citio participava dos raios do sol (que nelle não entrão neste mes senão das oito horas por diante e se absentão pelas quatro da tarde)» estando em 70 graus de calor a atmosfera. Descreve os processos que usou para cada pôço, bem como as respectivas temperaturas, servindo-se para estas do termómetro da Academia de Florença. A última data de observações feitas é de 1819. Embora por esta data o manuscrito pudesse ser attribuído ao Dr. Santos Dias, tal não é de aceitar, visto as primeiras observações serem de 1756 e o Dr. Dias ter nascido em 1778. Mas, quem teria sido o autor do manuscrito, o qual, referindo-se desenvolvidamente e especialmente ao Gerez, se ocupa também, mais ou menos ligeiramente, de Caldelas de Rendufe, Caldelas de S. João das Caldas; Monção; Canavezes; Rede ou Moledo, Chaves e outras mais? (T. M. S.).

(1) Link dis que o Lente de Chymica na Universidade sabe tudo o que ha sobre o ramo de Chymica

ignorando as que enriquecem o seo paiz natalicio; que por outro lado ornando muntos Theatros, á custa de avultadas despezas, com objectos de luxo, se esqueçem os objectos de perçizão e utilidade nestes Despensarios naturaes. He também vergonhozo para os sabios, que athe ao prezente nada se tenha publicado methodicamente sobre este objecto. O escripto mais antigo que falla de passagê sobre este objecto são as Reflexões do Ir. Fr. Cristovão dos Reis impreso em 1779, onde sobre a natureza destas agoas, vio o que quis; emquanto ao mais merecimento da Obra lemitamonos á concluzão que tirou o Dr. Tavares depois da bem mereçida critica no prefacio da sua obra publicada em 1810 «he comtudo responsavel á sociedade a boma memoria daquele Ir. pelos bons dezejos com que quis concorrer com seo tal qual talento para bem dos seos semelhantes, sem poupar-se a incriveis fadigas, encommodos, e trabalhos tanto mais consideraveis, quanto emprehendidos sem methodo, sem ordem, e sem necessarias provizões de conhecimentos preleminares proprios para conduzila por veredas seguras» (1).

He verdade que já o Dr. Fonseca Henriques (Mirandela) no seo Aquilegio, pag. 39, boquejou nestas Caldas, classificando-as sulfureas, donde se mostra ou que as não vio, ou os poucos conhecimentos e exactidão que havia naquelle tempo sobre este objecto.

Apareçeo munto depois hum folheto do Abbade Veleza (2) em que descreve empiricamente o modo practico d'uzar destas agoas, pelo que observou em si e em alguns doentes mais; tudo de hũa maneira coherente com os conhecimentos proprios dos Abbades Portuguezes.

Temos mais hum Estrangeiro (Link) nas suas Viagens a Portugal, em companhia do Conde Hoffmangée (3), que falla destas Caldas mui

(1) Num estudo do falecido Prof. A. J. Ferreira da Silva, relativo às Caldas de Canavezes e publicado em «*O Instituto*», de Coimbra, vol. 50, pág. 750, encontra-se a seguinte referência gereziana, tirada de Fr. Cristóvão dos Reis: «...Como esta agua, posto que sulfurea, é muito branda no calor, os que tomarem estes banhos se governarão pelo Directorio dos Banhos brandos do Gerez, no qual acharão todas as circunstâncias necessarias.» (T. M. S.).

(2) É o *Methodo Practico Para se Tomarem as Caldas do Gerez*. (T. M. S.)

(3) É o Conde Hoffmanssegg O relato da estada e dos estudos de Link em Portugal é, em edição francesa, o livro *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* (1803), no qual se acha, efectivamente, um interessante estudo sôbre a Serra e as Águas do Gerez (T. M. S.).

ligeiramente, e mais como critico do que sabio; todavia dá como certa a existencia do gás sulfureo em algumas das suas origens.

Apareço finalmente em 1810 a obra do Dr. Tavares, que se lhe pode chamar hũa geografia de Caldas; todavia o methodo pratico d'uzar d'agoas thermaes descripto no 2.^o Vollume he obra digna delle. Nesta obra quando falla destas Caldas encontrão-se alguns enganos, o que acontece a quem escreve de gabinête confiando-se em remesas pouco exactas. Estes enganos são relativos ao numero dos Póssos, sua temperatura e natureza d'agoas: dis ele que a nascente do Forte tem 140 a 145 e o Banho 120, quando não offerece a nascente senão 117 e o Banho 112. Esta observação da temperatura da nascente tem sido feita successivamente desde o anno de 1811, incluzivo, athe 1817; não posso pois acreditar, escrevendo o Author em 1810, que em hum anno só desçese 28 graos, quando em sete annos successivos tem sido constante; alem disto acha differença na temperatura do banho á da nascente 25 graos, quando segundo as minhas observações, não fás differença senão 5 graos. Finalmente, quando tracta da sua natureza, não duvida classificar nas Gazozas, e afirmar decizivamente, que o seo mineralizante super abundante he o gás açido carbonico, quando pelo contrario athe ao presente, que eu o saiba, não temos analyze nenhuma, nem mesmo experiencias particulares e treviaes, que nos dêem probabilidade da existencia deste gás em estado de liberdade, devendo-se talvez antes classificar estas agoas nas salinas, como adiante veremos. São athe ao presente as obras, que se achão publicadas (que eu o saiba) em que se tracta destas Caldas. (1)

Tenho encontrado hum manuscripto sem data, mas, que pela sua forma de escripturação, e pela sua maneira de dizer mostra ser bem antigo: o seo contheudo he tudo relativo ao modo pratico d'uzar destas agoas, em tudo bem semelhante ao folheto do Abbade Veleza.

Nada mais manuescripto tenho encontrado, apezar de todas as investigações que para este fim tenho enprehendido, nem por via dos Clini-

(1) Balbi, no mapa das águas minerais de Portugal, vol. 1.^o, pág. 130, referindo-se ao Gerez, na comarca de Guimarães, classificou a água medicinal de *gazozas*, com a temperatura de 145 graus, mais dizendo, em nota: «Cette eau est d'une nature qui differe de celle de toutes les eaux connues en Portugal et ailleurs». (T. M. S.).

cos que me tem precedido neste estabelecimento, que nada mais d'útil (por sua negligencia) nos tem transmitido, que os rusticos aldeões de Villar da Veiga, ali serventuarios, e o Banheiro das mesmas Caldas. Nem tão pouco hei encontrado alguma providencia relativa á Policia Civil e Economica daquele estabelecimento que mereça aproveitar-se, no Escriptório da Camara territorial, sempre mais cuidadosa em promover os seus interesses particulares, do que em manter e beneficiar os importantes artigos deste util estabelecimento.

Encarregado da direcção daquellas Caldas por Provizão de Sua Magestade desde o anno de 1811 a 1817, inclusivo, deligencieei na escassês do tempo que me restava das direcções e assistencia ao infinito concursso de doentes, que ali se juntavão, as materias que fazem objecto da presente memoria, distribuida em quatro Capitulos e hũ Apendix; em cada hum delles seguirei a ordem que me pareceo mais methodica, rezervando para a segunda memoria, que perparo asi ao uzo medico e economico daquellas Caldas (1).

Quid verum... curo et rogo et omnis in hoc sum (2).

CAP. 1.º

SITUAÇÃO

Na Provincia do Minho huma das mais povoadas e agricultadas do Reino de Portugal, existe a Serra do Gerês, notavel pela sua grandeza, rara por suas produções, famigerada pelas suas Caldas. Esta serra es-

(1) Infelizmente, parece não ter sido nunca escrita esta Memória, o que é de lamentar: pelo menos, nunca encontrei qualquer referência a seu respeito. O «*Dicionário Bibliográfico*», dando nota das diversas publicações do Dr. José dos Santos Dias, refere-se apenas a uma *Memoria sobre as Caldas do Gerez*, manuscrita, que é, de-certo, esta. É também de sua autoria um *Ensaio Topographico Statistico do Julgado de Montalegre*, com uma Carta Topographica do Julgado Municipal, impresso no Pôrto, na Imprensa de Alvaro Ribeiro, aos Lavadouros, n.º 16 — 1836. Este ensaio era, no dizer de Sousa Viterbo, resumo de obra mais extensa, manuscrito em 4.º de 200 páginas, intitulado *Memória ou descrição phisica e económica da vila e termo de Montalegre, em terras de Barroso*. (T. M. S.)

(2) «*O que fôr verdadeiro, a isso me dou, a isso anelo e para isso sou todo*».

tende-se na linha de Nordeste desde a freguezia de Rio Caldo athe ao lugar de Pitões no concelho de Monte Alegre, Provincia de Traz-los-Montes, no comprimento de seis legoas; tem de largura tres legoas, desde o rio Cavado athe a Portela de home, fronteira da Galiza; serra d'organização primitiva bazada e trimenada em muntos dos seus cabeços por descarnadas, escaberozas, e alcantiladas rochas, d'aspecto medonho, d'altura inorme. (Segundo o parecer de Link, quatro mil pés asima do nivel do Mar) ⁽¹⁾. He famigerada por suas produções: animaes, vegetaes, e mineraes. Entre os animais que povoão as suas florestas, alem dos comuns ao resto da Provincia, encontrão-se ali o Javali; o Lobo Cerval (haverá 18 annos que o Abbade de Cabril, freguezia sita nas faldas daquela Serra, conservava huma pel deste animal, morto temerariamente por João Bernardo Pereira, lavrador da mesma freguezia); Lobos comuns em abundancia; Cabras bravas, tão raras na Europa, que os Philozofos inda não deçidem, se são oriundas das domesticas, ou estas daquelas, com crê Link; Veados e outros mais. Esta serra he abastecida de muntas florestas de plantas proprias de diferentes paizes, e raras; e athe mesmo ainda não descriptas, segundo a autoridade do Conde Hofmangée ⁽²⁾ e Dr. Botero ⁽³⁾ na sua Phithog. Lusit.; entre as mais raras contão-se, Azereiros — Teixos — Junipero — Pratanos — Uva do Monte — Corno godinho — Sorvas — Azevinho — Lama-gueira etc. He tãobem rica esta serra pellas suas producções mineraes: encontra se nella, a Miña magnetica (pedra de cevar) em hũ sitio a meia legoa de distancia do lugar de Pitões, rica e abundante, donde se tem extrahido grandes fragmentos, que se tem transportado e bem apreciado em terras onde se conhece e o sitio oferece vestigios de exploração antiga; tem-se extrahido em outro tempo verdadeiras Amethistas na Roca da Ponteira, das quais o Juis de Fora daquele concelho, Miguel Pereira de Barros, fes adreços a suas filhas, no tempo em que ali servio.

Em casa de Sebastião José de Barros na Povoação de Covello do Gerês, a meia legoa de distancia do sitio, se conserva hum anel com

(1) À margem: «500 a 6 toezas $\frac{1}{4}$ de legoa». (T. M. S.).

(2) Hoffmansegg. (T. M. S.).

(3) Deve ser Brotero. (T. M. S.).

humã pedra das referidas, o que tenho visto ⁽¹⁾. Pessoas sabias e d'auto-
ridade me assegurarão da existência do Manganez para a banda da
aruinada fabrica dos vidros, e de fragmentos de Mina d'Ouro nas mar-
gens do Rio de Cabril, achadas por hum homẽ perito na explotação
das minas. Encontrão-se finalmente muntos cristaes de rocha de diferente
grandeza, e côr.

A base desta serra pela banda do meio dia he banhada e circun-
dada pelo rio Cavado, que principiando em Sendim e Meixende, con-
celho de Monte Alegre, vem ingrosando seo curso com outros rios e
piquenos ribeiros que nele desenvocão, como são Rio de S. Pedro ⁽²⁾,
Rio de S. Payo ⁽³⁾, que desenvocão formando hum angulo agudo da
parte do Norte, Rio da Mizarela, que desenvoca da parte do Sul na
povoação de Sidrós formando hum angulo recto, Rio de Cabril da
banda do Norte, Rio do Saltadouro da banda do Sul; e finalmente o
Rio das Caldas, tendo a sua origem a duas legoas de distancia na por-
tela de Leonte, e dirigindo-se de Norte a Sul, e recebendo o Rio Caldo
junto ao Villar da Veiga pouco abaixo desta povoação, vai desenvocar
ao mesmo Rio Cavado debaixo do angulo agudo junto da ponte de
pao, depois seguindo o seo curso e subjugando-se á ponte do Porto, ser-
penteando humã das ribeiras mais amenas da provincia do Minho,
recebe o Rio Homê, que vai banhar Prado athe finalmente se esconder
no Oçeanô entre Fam e Esposende; todo este rio e seos ramos he abun-
dante de peixes.

Nas faldas da mesma serra da banda do meio dia, na margê direita
do Rio Cavado, esquerda do Rio das Caldas, onde desenvoca naquelle,
se acha situado o lugar e freguezia do Villar da Veiga, povoação de
92 fogos, fertil em Milhos, Vinho, Azeite, Laranja, Limões, Orteliças
etc. etc. etc. Humã legoa de distancia ao norte desta povoação, 5-6
legoãs da cidade de Braga, e Guimarães; e tres legoas da Villa de Rui-

(1) Tem à margem, escrito a lápis, o seguinte: «Eu dicera = he tradição que a
Mitra Bracharensê tem hũa cruz, feita destas mesmas pedras, extrahidas daquella serra».
(T. M. S.).

(2) «S. Pedro» está riscado, tendo escrito ao lado, em tinta e letra posteriores
«Mourilhe» (T. M. S.).

(3) Riscado «S. Payo» e escrito a tinta e letra diferentes: «rio Mao, rio Bredu» (?)
(T. M. S.).

vães, e da Senhora d'Abbadia, e da raya da Galiza, na margem esquerda do mesmo Rio das Caldas, junto de hũa penha brotão as Origens Thermaes, que tomarão o nome da serra onde se descobrirão, Caldas do Gerês.

CAP. 2.º

HISTÓRIA

§ 1 — Não há testemunho autentico que afixe o anno, em que se descobrirão as Caldas do Gerês; todavia pouco excederá hum secollo. Estava rezervado para os principios do decimo oitavo secollo, o descobrimento de hum remedio tão proficuo á humanidade enferma, que a mão liberal do Creador fês brotar naquelle dezerto.

§ 2 — He tradição dos velhos mais antigos das povoações circunvezinhas, e conta o Irmão Fr. Christovão dos Reis na sua obra Reflexões Experimentaes Methodico-Botanicas pag. 2, que costumando os moradores da freguezia do Villar da Veiga e Rio Caldo apascentar os seos rebanhos por aquellas serranias, e margens do rio das Caldas, e fazerem as suas caçadas pellas mesmas serranias (como inda hoje costumão praticar) observarão que na margem esquerda do rio, da parte do nascente junto á penha por onde nesse tempo o rio corria, se elevavão vapores á maneira de fumo, e desviando o rio para a baze da montanha do lado ôposto encontrarão diferentes origens thermaes.

§ 3 — Espalhando-se este acontecimento pelas povoações circunvezinhas, subio á freguezia de Covide, huma legoa de distancia deste sitio para a banda do Nóro-Este, onde existia hum cirurgião chamádo Manoel Ferreira d'Azevedo, o qual lembrando a abertura d'alguns póços, aconselhou áos doentes do seo districto que percizavão de banhos de Caldas, os fossem ali tomar; o felis successo da sua tentativa, e o melhoramento dos doentes fes com que concorresse maior numero de doentes das freguezias circunvezinhas abrindo mais póços e construindo cabanas para se repararem das injurias atmosfericas ⁽¹⁾.

(1) Tem-se considerado sempre como certo ter sido o cirurgião de Covide, quem primeiro, por volta de 1699, aconselhou o uso das águas do Gerez, mandando para lá os

§ 5 — A noticia dos maravilhosos efeitos dos banhos foi-se estendendo progressiva e circullarmente athe chegar áos ouvidos de D. João de Sousa, Governador das Armas da Provinçia, o qual primeiro ordenou a abertura de caminho para as cavalgadas, que havião ali conduzir os doentes. Com esta providencia conseguiu-se que o numero dos doentes cresçese cada ves mais, e a proporção deste concurso se foi augmentando o numero dos póços, das cabanas, e das barracas.

§ 6 — Neste estado permanecerão por trinta e tantos annos, athe que finalmente, pellos annos de 1730, vendo os póvos daquella Provinçia o numerozo concurso de doentes, que o maravilhoso efeito das agoas ali chamava, e por outro lado a falta de comodos que havia para hum tão grande concurso de gente inferma, supplicarão ao Senhor D. João V

seus doentes. Mas, um manuscrito encontrado pelo Sr. Prof. Dr. Rocha Brito, da Universidade de Coimbra, com o título «*Notiças de humas caldas novamente achadas na serra do Jurez ou do Bouro distante de Braga bj leguas...*», da autoria de outro cirurgião, Manuel Vieira de Lemos, e escrito provavelmente em 1680, dá para êste ano a descoberta das Águas, como se depreende da passagem seguinte, em ortografia melhorada: «*permi-tiu Deus que nesta era de 1680 se manifestassem as grandes virtudes de uma perene fonte e franca mina nascida na serra do Jurez, junto à portela de Leonte em o pé de uma dilatada penha da qual rebentam cinco bicas de águas...*»

Vê-se, por esta esta forma, que o cirurgião Manuel Vieira de Lemos, que era natural, ou pelo menos residente nalguma povoação vizinha do Gerez (Vieira?), pois tem esta frase no seu trabalho: «*Como vivo perto delle (Gerez) tenho dito o que alcansey e para ver se posso alcansar luz de meus erros...*», se antecipou uns vinte anos ao cirurgião de Covide, Manuel Ferreira de Azevedo.

Sôbre este caso, no qual é de notar-se a expressão «*novamente achadas*», deve vêr-se em *Publicações do Instituto de Climatologia e Hidrologia* (Coimbra, 1934-D) a noticia do Sr. Prof. Dr. Rocha Brito referente ao manuscrito de Manuel Vieira de Lemos, bem como a *Crónica Científica — Gereziana* — do Sr. Prof. Dr. Luís de Pina, da Faculdade de Medicina do Pôrto, publicada em «*O Comércio do Pôrto*» de 26 de Setembro de 1933, na qual se faz referência também a um desenvolvido estudo-relatório de excursão escolar do curso de Hidrologia e Climatologia médica do Instituto do Pôrto, da autoria do Sr. Dr. Santos Silva, Filho, estudo que merece ser lido e contém muitas indicações bibliográficas de interêsse Tem o título «*Notas sôbre as Caldas do Gerez*» e foi publicado em «*Portugal Médico*», vol. XVIII, n.º 7, de Julho de 1934.

«*Novamente achadas*» em 1680, significa claramente que na tradição ou em noticias ique se perderam, andava há muito a certeza da existência das Águas do Gerez. De resto, isso não deve admirar, sabido que os romanos as conheceram e provavelmente utilizar m. (T. M. S.).

para que, por Sua Real piedade ôlhasse por aquelle nôvo e util estabelecimento.

§ 7 — Este Monarcha magnanimo se dignou consignar huma grande soma para se aplicar na construcção de huma ponte sobre o rio Cavado; na construcção de banhos; Hospital; Igreja; e cazas de residencia para Capelão e profesor clinico director da applicação das mesmas Caldas.

A ponte, ou pela sua má construcção, ou pela inorme massa d'agoa alli despenhada, e reunida pelos tres rios, se aruinou logo ao segundo anno, (segundo consta). No mesmo sitio, onde se tem formado ulteriormente as pontes de pao, na margem esquerda do rio se offerece ainda huma porção do pé do arco, que formava a referida ponte de cantaria. Os banhos que nese tempo se construirão com piquenas cazas quadradas, terminadas em pyramides da mesma forma, tudo de cantaria, foram seis: 1.º Forte — 2.º Contraforte — 3.º Terceiro (¹) — 4.º Figueira — 5.º Figaço — 6.º Bica, como consta de 2 inscrições lapidares, que se achão: a 1.ª sobre a porta do 2.º banho; a 2.ª em huma pedra asentada na cornija entre o 2.º, e 3.º banho, cujo theôr he o seguinte:

2.ª

«Estas obras mandou fazer El Rey N. S. D. João V á custa dos povos sendo superintendente dellas o Dr. Gaspar Pimenta do Avellar Provedor da Comarca de Guimarães, e para se fazere concorreo com grande zelo o Dr. Francisco Pereira da Crus Deputado do Sant-Officio, e Dezembargador da Caza da Suplicação de Lisboa. Abril 11 era MDCCXXX» (²).

1.ª

«A obra destas Caldas se fizero no anno de 1735 sendo superintendente d'elas por ordem de S. M. o Dr. Gaspar Pimenta do Avellar Provedor da Comarca de Guimarães».

Destes Banhos e dos mais que se tem augmentado, daremos a discrição no Cap. seguinte.

(¹) Teve, depois, o nome de *Águas Novas*. Como adiante se verá, o número dos Tanques foi posteriormente elevado a onze. (T. M. S.).

(²) Deve ser MDCCXXXV. (T. M. S.).

O Hospital que se mandou construir abaixo dos banhos do lado oposto da rua, ficou com duas fiadas asima dos talherces no mesmo estado em que hoje se acha: em hum canto desta obra se fes huma cabana, ou especie d'alpendre, onde se cortão hoje as carnes verdes.

A Igreja, que se mandou construir ficou reduzida a huma Capella, que adiante se descreve, Capella de boma Arquitetura com sua Capella-môr, mas com piqueno corpo de 11 passos de comprido e de 7 de largura. Contem 14 sepulturas com suas campas de páo enumeradas. Collocarão nesta Capella ao culto e veneração dos fieis a Imagem da Virgêm e Martir Santa Eufemia por constar da historia ter sofrido o martírio proximo destes sitios (1).

A fabrica desta Cappella he munto piquena apeñas tem duas Escrituras a juros huma de 101\$200 reis outra de 12800 reis.

Tem sobre a porta principal a inscripção seguinte

INTROIBO AD DOMUM TUAM:
ADORABO AD TEMPLUM SANCTUM TUUM. (?)
Psalm. V

Esta cappella tem bem pouca capacidade para ouvirem nella o Santo Sacrifício da Missa o grande numero de fieis, que ali se reúnem em certas quadras, porem como ali concorrem muntos eclesiasticos, que celebram tãobem o sacrifício, ha comõdidade de todos a poderem ouvir. Seria porem, munto para dezejar, atento o piqueno ambito da

(1) A imagem de Santa Eufémia, que reproduzimos e se conserva na nova igreja, deve ser ainda a da primitiva capella mandada fazer por D. João V, portanto escultura dos fins do século xviii. Dos três altares só os dois laterais são agora da primitiva capella: o altar-mor desapareceu e foi substituído por outro, de bela talha dourada, obtido na Sé do Pôrto pelo Sr. Alberto de Magalhães, director da Emprêsa das Aguas do Gerez. É nêle que está a imagem de Santa Eufémia. De várias outras imagens, entre as quais as de Santa Quitéria e Santa Marinha, irmãs de Santa Eufémia, estão, no altar do lado direito, a do Sagrado Coração de Jesus, e, no lado esquerdo, a de Santo Antóuio, santo de muita devoção daqueles povos e padroeiro da freguesia de Vilar da Veiga. A imagem de Santa Eufémia foi mandada encarnar em 1891, em Braga, pela Comissão dos festejos a Santo António, do ano de 1888, pela quantia de 20\$000 réis. (T. M. S.).

(2) «Entrarei em tua casa: e em teu temor me inciñarei para o teu santo templo»

Cappella e o piqueno numero de sepulturas, se construhisse em lugar acomodado hum çemiterio para sepultar os enfermos que ali falleçem (1). Esta Cappella tem sacrario para fornecer o Sagrado Viatico em toda a ocazião que houver neçessidade: tem mais alem do Altar Mor, dois altares laterais onde comodamente se çelebra tãobem: tem huma grade de pao munto bem trabalhada que divide o Corpo da Igreja da Cap-



Capela de D. João V, vendo-se ao lado as cúpulas de alguns dos antigos Pocos e antigas construções

pella Mor: tem sobre a porta travessa huma piquena campanha, e ao lado direito a sacrestia: tem igoalmente hum piqueno côro e pulpito. Esta Cappella tem a direcção de Norte a Sul contra o costume geral de todas as mais que são do N. a P. (2).

(1) Já há, desde há anos, na encosta do poente, cemitério privativo do Gerez. Antes, os enterramentos faziam-se no cemitério de Vilar da Veiga, sede da freguesia. (T. M. S.).

(2) Nada existe já da primitiva capela, sacrificada em 1934, a conveniências de urba-

As cazas edeficadas para rezidencia do Cappellão, e Proffessor clinico director foram edeficadas da parte esquerda da Cappella entre a mesma e a margem esquerda do rio, seis sallas terreas com suas cozinhas de exçelente pedra de cantaria como inda hoje mostram, nas quaes rezedirão os primeiros empregados; as quaes por representações dolozas e informações senistras, forjadas pelo egoismo do Padre Custodio Antunes d'Araujo, primeiro Cappellão daquellas Caldas, forão premutadas por aquellas que actualmente servem para o mesmo fim, ficando prejudicada principalmente a repartição do Medico, apezar das ulteriores indemnizações, que os herdeiros do referido Capellão fizeram, a quem bem desigualmente as soube aproveitar, mais em beneficio seo, do que da Real fazenda.

Apezar dos ulteriores esfôrços para fazer a reivindicacão dellas, nada se conseguiu por ter sido corroborada a referida permuta com hũa sentença proferida no Auditorio do Conçelho, cujos allegados, testemunhas, e vistoria forão bem pouco fies, como se pode ver cotejando o allegado dos auttos, com o que o sitio e edeficios offerecem; e finalmente por ter sido permitida esta permuta por Diploma Regio cujo theor he o seguinte = D. Jose por graça dê Deos Rey de Portugal etc. Faço saber que havendo respeito ao que me representou o Padre Custodio Antunes d'Araujo e o Doutor Adreaño de Sousa, Medico, e Cappellão das Caldas de Sancta Eufemia do Gerês por sua petição, cuja copia vai adiante, e visto o que me representarão, e informação que se deo pelo Corregedor da Comarca de Guimarães, e resposta dos Oficiaes da Camara, nobreza, e pôvo que não tiveram duvida nem tão bem a teve o Procurador da minha Real Coroa, a quem se deo vista, Hey por bem conçeder aos suplicantes a liçença pedida para fazerem as novas cazas de que fazem menção, ficando-lhe por proprias as que eu

nização e por ser demasiadamente pequena para a população extraordinária durante a época termal. Também à volta de 1885, mais ano, menos ano, a sacristia, que formava um corpo saliente, teve de ser cortada e mudada para outra face, a-fim-de dar passagem à estrada que forma a Avenida das Termas. A actual capela, mandada construir pela Empresa das Aguas com maior amplidão, mas com respeito pelo primitivo traçado, foi inaugurada festivamente no dia 19 de Agosto de 1934, com a assistência dos Srs. Capitão Gomes Pereira, Ministro do Interior; D. António Martins Bento, Arcebispo-Primaz, e Capitão Lucinio Presa, Governador Civil de Braga. (T. M. S.).

fui servido mandar fazer para residencia dos supplicantes e seos suçeso- res, com declaração porem, que as ditas cazas que de novo se fizerem em lugar das antigas, não ficarão deminutas, mas sim com mais aco- modações para os supplicantes e seos suçessores, cumprindo-se esta Provizão como nella se contem, que vallerá posto que seo effeito haja de durar mais de hum anno e se registre no libro da Camara e nas mais partes que tocar, para a todo o tempo constar que eu asim o houve por bem, e pagarão de novos direitos mil e outenta reis que se carregarão ao Thezoureiro d'elles; no libro primeiro de sua receita a F. 331, e se registou o conhecimento em forma no liv. 12 do Reg. geral fl.-152. ElRey N. S. o mandou pelos Menistros abaixo assignados de seo Con- çelho e Dezembargadores do Paço Joaquim Joze Gouvêa a fes em Lis- boa em 30 de Maio de 1759. desta e assignatura 800 reis Antonio Pedro Berg.^{es} a fes escrever. Simão Aff.^{ca} e Sequeira, Joze Pedro Hemáus, Manoel Gomes de Carvalho, pg 1\$080 aos officiaes 1\$200 Lisboa 12 de Julho de 1759. D. Miguel Maldonado. Reg.^a na chan.^{ia} mor de Corte e Reino no Lib. dos Off.^{os} e m.^{es} n.º 3 a fl. 83. Francisco P. de Sá. Reg.^a na Cam.^a do districto no L.º que prez.^e serve affl. 22 por mim Domingos Alves Escr.^{ºm} da Cam.^a em 10 de Julho de 1760.

Estas Caldas tem Medico, Cirurgião, e Cappellão com Partidos Regios, aquelle de 150\$ reis, estes de 80\$000 reis pagos todos pelos Cabeções das Sizas das Comarcas do Porto, Braga, Guimarães, e Vianna com obrigação de rezidir durante o tempo do uzo daquellas Caldas, que ordinariamente he de dia de S. João, a dia de S. Miguel. O Primeiro Cappellão destas Caldas, foi o padre Custodio Antunes d'Araujo, natural do Villar da Veiga, depois teve por Suçusor o Padre
(¹), actualmente ócupa este emprego o Padre Bernardo Antonio Ribeiro (²).

Tem sido empregados diferentes Cirurgiões nestas Caldas, athe o

(¹) O original tem o espaço em branco, sem o nome do capelão. (T. M. S.).

(²) O último capelão foi o Padre António Joaquim da Rocha, de Vieira (Pinheiro), nomeado por D. Maria II, que ainda conhecemos quando, em Setembro de 1904, fomos para os Serviços Florestais do Gerez. Faleceu no inverno de 1904-1905 e com a sua morte caducou, para a Empresa constituída em 1896, a obrigatoriedade de manter a capelania. (T. M. S.).

primeiro, Francisco da Costa Silva ⁽¹⁾, do Concelho de Sequeiros, de Terras de Bouro, ocupava o lugar de Medico que então não havia, e foi expellido pelo primeiro Medico que tiverão estas Caldas tanto do Partido, como da residencia. Ignoro a maneira como com o andar dos tempos se tornarão a introduzir, criando partido e apossando-se arbitrariamente de metade da residencia pertencente ao Medico. O actual que ocupa este emprego he Bernardo Ribeiro, natural da freguezia das Lourozas ⁽²⁾.

Os Medicos, que tem ocupado o partido Regio destas Caldas desde o seo estabelecimento athe ao presente são só o numero de tres; o primeiro foi Adriaño Joze de Souza, pela Provizão cujo theor he o seguinte: D. João por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves, daquem, e dalem, e de Guiné etc. Faço saber que Adriaño de Souza Barboza formado em Medecina, meo partidista da freguezia do Rozario do Louredo concelho de Ribeira de Soás comarca de Guimarães, me representou por sua petiçam, que no concelho do Suplicante havia hãs Caldas denominadas de Gerez aonde concorria ao remedio d'ellas munta gente de todo o sexo e qualidade, de partes munto remotas deste Reyno, pello bom successo que n'ellas experimentavão, porem para applicação das mesmas e utilidade publica neçessitavão de hum Medico, que não havia, e pessoas de qualidade o levavão consigo de partes distantes, e as de menos esfera que pela sua pobreza o não podião trazer padeçião a necessidade, como tinha soçedido por repetidas vezes; e por Provizão minha concedera nelas hum partido annual de

(1) É possível que não tivesse sido Francisco da Costa e Silva o primeiro cirurgião do Gerez, pois, como já se viu, do Gerez se ocupou desenvolvidamente, nos fins do século xvii, o cirurgião Manuel Vieira de Lemos. O que podia acontecer era não ter sido Vieira de Lemos cirurgião do partido. (T. M. S.)

(2) No primeiro artigo de uma série de seis consagrados ao Gerez, dei noticia em O «Comércio do Pôrto» de 3 de Julho de 1941, de uma reclamação apresentada por António Alves Ferreira, na qual, apoiado pela Câmara Municipal de Vieira, pedia para lhe serem pagos, pela Contadoria da Fazenda do Distrito de Braga, os ordenados de três anos que se lhe ficaram devendo como cirurgião do partido das Caldas do Gerez. A tal requerimento foi dado, em 28 de Setembro de 1837, pela Rainha D. Maria II, o despacho de que «estando o pagamento daquêles ordenados a cargo dos Povos, pelos Cofres das Sisas das três Comarcas de Guimarães, Viana e Pôrto, não pode, hoje, ser satisfeito pela Contadoria da Fazenda, pois que o Govêrno não pode dispor do Património Público

40\$ reis, imposto no Cabeção das Sizas das 3 comarcas proximas, de Guimarães, Vianna, e Porto, isto a hum cerurgião para aestir no tempo d'ellas, e aplicar o curativo, mas como os enfermos que a ellas hião não pertencia o seo curativo á cirurgia por não serem chagas ou feridas, que dependia da Medeçna, faculdade do Suplicante em quem concorrião annos de experencia, zello, e fertuna com os doentes a que tinha aestido em graves enfermidades com bom suceso, motivos porque se fazia mereçedor de que eu o provesse no referido partido augmentando-lho, não obstante o elle ser concedido ao Cirurgião Francisco da Costa Silva do Concelho de Sequeiros e terra de Bouro, que pelo seo curativo não ser de sua Arte, nem elle capaz de semelhante graça, já a Camara do Concelho lhe embargara a Provizão que se lhe concedera com notória (palavra ininteligivel) de calar estas circumstançias, que empedião a graça, e se lhe não tinha dado posse alguma judeçial, mas antes estavam os requerimentos indecizos; pedindo-me lhe fizesse a merçe mandar passar Provizão ao Suplicante de provimento no dito partido com o augmento que fosse justo. Visto as urgentes causas que se allegavão e mostravão as certidões juntas e redundar o suplicante em utelidade publica e Visto o seo requerimento e informações, que se houverão pelo Provedor da Comarca de Guimarães, ouvindo aos Offi-

para fins não autorizados por Lei; mas que, pertencendo a obrigação do sobredito pagamento às Câmaras dos Concelhos que, outrora, formavam aquelas três comarcas, deve o mesmo Administrador Geral, de acôrdo com os de Viana e Pôrto designar a quota que cabe a cada um destes Distritos e feita pelos respectivos Administradores Gerais a distribuição entre as Câmaras Municipais do seu Distrito, e que o foram daquelas extintas Comarcas, deverão tôdas as Câmaras, assim quotizadas, remeter a sua parte ao Cofre Geral do Distrito de Braga, para por êle ser feito o pagamento ao suplicante». Trata-se, pois, dum cirurgião cujo nome, provavelmente como mais algum, não tem sido arquivado e deve ser acrescentado aos dois já por mim referidos no livro «*Serra do Gerez*», (Pôrto 1909), a pág. 87 e em cuja ordem de serventia deve ser collocado, como se depreende desta *Memória*, Francisco da Costa e Silva antes de Bernardo Ribeiro, e não como se diz naquele livro.

A-respeito de cirurgiões, diz Balbi, no segundo volume do seu «*Essai Statistique sur le Royaume de Portugal*», a pág. LXXII, (Paris, 1822) que podia dizer-se não existir a cirurgia em Portugal antes de Manuel Constâncio e que os cirurgiões instruídos no país não mereciam geralmente mais que o qualificativo de barbeiros, à excepção dos da côrte, únicos dignos de algum aprêço. (T. M. S.).

ciaes das Camaras, nobreza, e póvos das terras, que dezião concorrerem para este partido, que não tiveram duvida a este requerimento; e só a teve o Cerurgião, que nele estava provido sendo ouvido, chamado Francisco da Costa e Silva, que o impugnou para ser conservado n'elle, de que tudo se deo Vista ao Procurador de minha Real Coroa, e constar ser o curativo das referidas Caldas proprio de Medico e não de Cerurgião. Hey por bem fazer merce ao Suplicante Adriaño de Souza Barboza do partido referido de 40\$ reis de que tracta, para o que se lançarão no Cabeção das Sizas das Villas de Guimarães, Viaña, e Porto para com o dito partido aestir o Suplicante nas referidas Caldas do Gerês, as enfermidades dos doentes que a elas forem. E esta Provizão se cumprira como nela se contem, que vallera, posto que seo effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ord. L.º 2. Fls. 40 em contrario e pagou de novos direitos 20\$ reis que se carregarão ao Tfezoureiro d'elles a fls. 155 L.º 3.º de sua receita e se registou o conhecimento em forma no L.º 10 do registo geral f.º 343. El Rey N. S. o mandou etc. etc. etc. Lisboa 21 de Dezembro de 1745. Registada na Chancelaria mor de Corte e Reino no L.º d'Officios e mercês f.º 215. Registada no L.º que servio da Camara fl. 7 athe 8, em 16 de Janeiro de 1746, no concelho de Ribeira de Soas.

De cujo partido tomou posse, bem como da rezidencia, aos 19 de Janeiro de 1746, como consta do auto de posse inserto no Livro asima referido, fl. 12. Consta do inventario do Dr. Adriaño de Souza Barboza fallecer elle aos 3 de Novembro de 1772.

O segundo Medico que houve nestas Caldas foi Francisco Alves, natural do Reino da Galiza, pela Provizão, cujo theor he o seguinte: D. João etc. etc. Faço saber que Francisco Alves, Medico formado, Juiz delegado da R. J.^a (¹) do Proto Medicato da comarca de Vianna e assistente na Villa da Povia de Lanhozo, comarca de Guimarães, me representou por Petiçam que o partido das Caldas do Gerês situadas no concelho de Ribeira de Soas da dita comarca de Guimarães, se achava vágô á mais de 30 annos, por morte do Dr. Adriaño de Souza Barboza, partidista que fora das ditas Caldas, com ordenado de 40\$ reis, e Cazas de rezidença, pela assistençia nos proprios mezes de Julho, Agosto

(¹) Real Junta. (T. M. S.).

e Setembro, sem que athe ao presente tenha havido Medico, que se tenha querido sugeitar ao dito partido por tão insignificante ordenado, por ser hũa parte onde os viveres estão munto caros. E como muntos doentes que hião ás ditas Caldas padeção gravissimo prejuizo por não haver Medico que os deregise, tanto no uzo d'Agoas, como nas doenças agudas, e não haver Medico senão na distancia de 7 legoas, e como o Suplicante não duvidava aestir as Caldas, não só os tres mezes mencionados, mas tão bem o mes de Junho, fazendo-lhe o partido de 150\$ reis e Cazas de Revidencia pagos pelo Cabeção das Sizas das 4 cabeças de comarca das cidades Porto e Braga; Villas de Guimarães e Viaña, da mesma sorte que se pagava ao Cappellão das referidas Caldas, por cujos motivos me pedia lhe fizesse a mercê conçeder-lhe o dito partido na forma que supplicava, e visto o seo requerimento e informações a que mandei proçeder pelo Corregedor da Comarca de Guimarães, ouvindo a Camara, nobreza e pôvô a este respeito não tiverão duvida, como tâobem a não teve o Procurador da Coroa a quem se deo Vista: Hey por bem fazer-lhe merce do dito partido de 150\$ reis pagos anualmente pello Cabeção das Sizas das mençionadas comarcas para curar de Medecina nas Caldas do Gerês os 4 mezes de Junho, Julho, Agosto, e Setembro, para cujo effeito rezidirá o Suplicante no Coarto que a Camara ocupa sem titulo algum, e sera obrigado o recorrente a curar os pobres de graça. Pelo que mando às justiças a quem o conhecimento desta pertencer a cumprão e goardem como nela se contem, e valera; posto que seo effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ord. L.º 2.º tt.º 40, em contrario.

Esta Provizão se tresladará nos livros das Comarcas, para constar a todo o tempo que eu assim o houve por bem. Pagou de novos direitos 75\$ reis, que se carregarão ao Thezoureiro d'elles a fls. 89 do L.º 25 de sua receita, e se registou o conhecimento em forma no L.º 65 do Registo Geral fl. 211. O Principe Regente N. S. o. mandou etc. etc. Lisboa 22 de Julho de 1802. Registada na Chancelaria mor de Corte e Reino no L.º d'officios e mercês n.º 7 fl. 387 v.º

O terceiro a quem tocou por sorte ocupar este emprego foi a mim, pela Provição, o theor da qual he o seguinte: D. João por graça de Deos Principe Regente de Portugal, e dos Algarves daquem e dalem etc. Faço saber que Joze dos Santos Dias natural do lugar do Cortiço,

comarca de Bragança, Bacharel formado na faculdade de Medecina e Cirurgia pela Universidade de Coimbra, me representou em sua petição, que achando-se o partido de Medico das Caldas do Gerês exercido por hum mero cirurgião com Provizão minha e porque achando-se aquelle partido munto mal servido, fora o suplicante nomeado para exercer aquelle partido por acordão do Señado da Camara da Ribeira de Soas, como constava do documento que offereçia, pelo que me pedia lhe fizesse merce mandar pasar Provizão para effeito de exercer o dito partido; e visto o que allega, e informaçam que mandei proçeder pelo Corregedor da Comarca de Guimarães, ouvindo aos Officiaes da Camara e ao actual provido no partido mençionado, no que taõbem foi ouvido o Procurador de minha Real Coroa a que se deo Vista e não ter duvida: hey por bem fazer merce áo suplicante do partido de 150\$ reis pagos anualmente pelo Cabeção das Sizas das Comarcas de Braga, Porto, Guimarães, e Viaña, para curar de Medecina nas Caldas do Gerês os 4 mezes de Junho, Julho, Agosto, e Setembro para o que reze-dirá o suplicante no Coarto, que a Camara ocupa sem titulo algum, e sera o suplicante obrigado a curar os pobres de graça, ficando excluido o actual partidista Francisco Alves que ocupava o sobredito partido. Pelo que mando ás Justiças a quem o conhecimento desta Provizão pertencer a cumprão e goardem como nela se contem, e valera, posto que seo effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo d'Ord. L.º 2.º fls. 40 em contrario. E esta Provizão se tresladara nos livros das referidas comarcas para constar a tódo o tempo, que eu asim o houve por bem. Pagou de novos direitos 75\$ reis, que se carregarão ao Thezou-reiro d'elles a folhas 42 L.º 12 de sua receita, e se registou o conheci-mento em forma no L.º 78 do Registo Geral fl. 116. O Principe N. S. o mandou etc. Lisboa 25 de Setembro de 1811.

Registada na Chancelaria môr de Corte e Reino no livro n.º 15 de Officios e merces fls. 189 (1).

A minha entrada no exercicio deste emprego foi impugnada com alegações falsas, e protecções vergonhozas; afinal a verdade sempre triunfou,

(1) Confrontando, no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, os diferentes diplomas registados nos livros de Officios e Mercês, com as cópias aqui reproduzidas, encontram-se algumas diferenças de palavras, que, aliás, não alteram o sentido do documento (T. M. S.).

e entrei de posse no dia 26 de Junho de 1811, como consta do Auto da mesma posse; que ainda posteriormente foi disputada, porem de valde.

Neste sitio dezerto onde ha Medico, cirurgião, grande concurso de enfermos e de muntos indeviduos que o podem ser, não ha desgraçadamente huma Botica tão neçesaria como util; e só na distancia de legoa e meia e duas legoas, e munto mao caminho (Ventosa, e Paradr.^{os}) ha 2 ambas munto ordinarias, porem seos Admenistradores, haveis em manejar os seos intereses particulares, em perjuizo do bem publico, tem sabido clandestinamente illiçar os Officiaes da Camara do districto para com afinco se óporem, não só negando as suas informações da tarifa, mas tãobem forjando illuzorios embargos aos pertendentes de tão util estabelecimento.

Hum destes foi em 1812 João Dias de Freitas natural do concelho de Mont'Allegre, o qual fes o seo requerimento a S. A. R. com a representação incluza, cujo theor hera o seguinte: Senhor = Houve por bem V. A. R. por sua Provizão constetuhir-me no honorifico cargo de Medico director das tão dignamente famigeradas Caldas do Gerês afim de Medicar quanto coubesse em minhas lemitadas luzes, o numeroso concurso de doentes que ali se reuñem das diversas partes dos dominios de V. A. R. a procurar o curativo, ou alivio em seos males; e para dirigi-los não só naquellas molestias, que ordinariamente são de genio chronico, por cujas directamente ali são enviados, mas tãobem nas agudas supervenientes, tudo na conformidade dos dezejos e sabias intenções do Augusto ascendente de V. A. R. o Senhor D. João V de saudoza memoria, que solçito na saude e bem, tanto corporal como esperitual, de seos póvos, instituiu ordenados para Medico, Cirurgião e Capellão, com obrigação de residencia durante o tempo das Caldas.

Porem Augusto Soberão, para prehencher tão nobre e Philantropico emprego de seccorrer tanto, quanto dezejo á humanidade ôpressa e ella de mim exige, encontro concideravel falta de meios neçesarios para tão util fim: a maior e que mais se torna digna da conçideração de V. A. R. he na verdade o não se ter instituido hum partido para hum Boticario rezidir naquelle sitio nos mezes respectivos, quando aliás por hum modico ordenado rateado nas comarcas vezinhas, não faltaria quem se quizesse onerar de hum tão neçesario estabelecimento para melhor e mais prontamente se executarem minhas prescripções e do

cirurgião; pois aliás inibidos naquelle dezerto dos principaes agentes medicinaes, se torna nossa asistencia quazi infructuosa e manca. Por outra parte os enfermos purgando-se e tomando outros preparativos em seos domicilios para hirem uzar destas agoas, expondo-se immediata-



Santa Eufémia, padroeira das Caldas do Gerez

mente a jornadas tão longas e penozas, vem-se por este motivo frequentes vezes opprimidos com exacerbações das suas molestias chronicas e mesmo atacados de molestias agudas, o que não raras vezes, como a experencia tem mostrado, os inhabelita para o uzo das Caldas, o que

evitarião se encontrassem ali este util estabelecimento, onde se podião preparar; e quando mesmo ali enfermassem no mesmo momento encontrarião meios mais promptos e efficazes, e menos sumptuosos. pois só na distancia de duas grandes legoas, caminhos ingrês, medonhos, e quazi intranzitaveis se achão Boticas, e depauperadas; alem disto he raro, ainda apezar de grande soma, achar serventuarios que se queiram encarregar de hir buscar os remedios precizos, em toda e qualquer ocazião que se fazem neçessarios.

He verdade Princepe Augusto, que a gloria de ser o primeiro representante me tem sido roubada por pessoas benemeritas, que por suas bemfeitoras intenções obtiverão baixase do Regio Tribunal de V. A. R. Alvará de informe excluzivamente para a Camara territorial; esta porem ordinariamente não só mais cuidozza no seo interesse particular e rural, do que no bem publico, mas tãobem voluvel ás rogativas de individuôs que surdos á necessidade do bem publico lhe pintão este estabelecimento onerozo; para melhor poderem saçar seo egôismo para abultados e privativos interesses; A Camara pois senistramente añulou o pio rezultado (que requeria Antonio Luiz Fernandes natural do Couto de Parada de Bouro).

Mas, Sr., se me não toca a primordial gloria, cujo effeito se tornou nulo, tenho ao menos aquella de ser o Orgão de que se servem todos os concorrentes. e que me julgam responsavel para pôr na prezença de V. A. R. a neçesidade de tão util e pio estabelecimento. V. A. R. informado por algum dos seos sabios e habeis Menistros das Comarcas (palavra ininteligível) achara realizada á uniformidade de meos sentimentos com os dos povos de V. A. R., que dezejosos de verem ampliada e manutida a mais carictativa instituição do Augusto Asçendente, se servem de mim que tenho a gloria de ser com o mais profundo respeito e acatamento de V. A. R. humilde e fiel Vassalo = J. S. D. = Obteve o suplicante as informações neçesarias e favoraveis dos Offeciaes das Camaras de Cabeça de Comarca; todavia o seo effeito foi nullo, ou porque o recorrente desmaiou, ou porque, segundo se diz, a Camara territorial lhe forjeou embargos.

Houve tãobem outro pertendente de Cavês, que juntou ao seo requerimento a segunda representação do theor seguinte = Senhor = As Caldas do Gerês, R. Sr., são as mais singulares daquellas que brotão

nos vastos dominios de V. A. R. e talvez na Europa, tanto por sua natureza, como pelos proficuos effeitos em molestias particulares, refractarias ao uzo d'outras Caldas; merecem pois as propicias vistas de hum governo sabio, (cujo cuidado principal he o bem e saude dos povos) fazendo ali reunir todos os persizos para o seo bom e comodo uzo. Assim, R. Sr., os Vossos Augustos Asçendentes trilharão esta vereda, roteando estradas para tornar acçesivel aquella ingreme gruta, edificando pontes para atravessar os despenhados rios, fabricando póços para o uzo dos banhos, eregindo Cappella á Santa Eufemia para manunter o culto e devoção e fornecer os Sacramentos, elegendo hum Cappellão com seo ordenado, e finalmente instituhindo ordenados para Medico e Cirurgião, ali rezidentes, para socorrerem a humanidade enferma.

Só, R. Sr., nesta carictativa e philantropica carreira rezervarão para V. A. R. a instauração de huma Botica que por tantos titullos se fás indispensavel, já para preparar os doentes para o uzo dellas, já para ocorrer aos accidentes morbozos cauzados pellas mesmas; para melhorar as exaçoerbações dos males que os obrigão a concorrer ali e que são tão frequentes; e finalmente para atacar as molestias agudas supervenientes, principalmente naquelle dezerto, onde se não acha Botica senão a longas distançias de pouco prestimo, e por caminhos coazi intranzitaveis; e athe mesmo o auxilio dos Professores clinicos ali rezidentes he manco sem este socorro. Digne-se V. A. R. prehencher este vazio, confundindo de hua vês os inimigos incubertos do bem publico e rechaçando os egoistas particulares.

Esta util e pia instituição sera hum eterno padrão da caridade que sempre patentearão os vossos Augustos Asçendentes, e que tanto orna a pessoa de V. A. R. Os enfermos que ali encontrarem alivio não çessarão de dirigir ao ceo os seos ardente votos pela çonservação e saude de V. A. R., de quem com profuudo acatamento, sou = humilde e fiel vassallo = J. S. D. — Aquelle recorrente obteve o Alvará de Informe para a Camara territorial e Provedor; he sabido que aquella informou senistramente; o seu rezultado foi nullo.

Consta ultimamente, que os dois Boticarios, da Ventoza e Pardieiros, se tem empenhado tãobem nesta pertençaõ, e athe hum delles com atestado meu. Como hum dos obstacullos a este estabelecimento, como asima se diçe, hera o mal entendido enteresse dos recorrentes, e por

outro lado sendo rezidentes no concelho da Camara territorial, serão mais bem informados: praza aos ceos, que na prezença destas circunstancias, o socorro venha a estes sitios, qualquer que seja o distribuidor, porem infelismemente athe a data d'hoje, tendo decorrido mais de 10 annos, não se tem realizado.

CAP. 3.º DESCRIPÇÃO DO SITIO

Na extremidade occidental da Serra do Gerês, da banda do meio dia, no primeiro corgo, ou angullo intrante, no meio da distancia que sepára o lugar e freguezia do Villar-da-Veiga da portella de Leontes, huma legoa de distancia para cada hum dos referidos pontos, na margem esquerda do rio que corre pella mesma distância e pello mesmo angullo intrante. está situada huma piquena e óblonga planiçe, pouco mais ou menos de 430 passos de cumprido e de 200 de largura, aonde se acha edeficada a Aldea das Caldas, e brotão as agoas thermaes, da baze de huma pênha da banda do Nasçente, sobranceira á mesma planiçe.

DESCRIPÇÃO D'ALDEA

O numero das cazas, que compõem esta Aldea tem creçido á proporção que com o andar dos tempos os maravilhozos effeitos das agoas tem chamado ali maior numero de doentes. Actualmente o numero das moradas he de 56, mandadas enumerar pelo plano da reforma de 1815: destas moradas ha so ao prezente 7 de dois andares, todas as mais são de hum só. Destas moradas muntas tem 5-6-8 sallas, alem dos quartos e mais acomodações, taes são: as do Abbade de Rôssas; as do Capitam Mor e as do Abbade de Lobrigos; mas o maior numero ordinariamente tem só 3-4 sallas, estas ordinariamente são piquenas, de figura quadrada, coazi todas forradas, huma ou duas ginellas (cada hũa) piquenas e apeñas em 11 moradas são goarneçadas de vidraça; Os utensileos de cada hũa destas sallas consistem unicamente em hũa piquena banca grosamente obrada, sem gavetas, e duas cadeiras da mesma fabrica, pouco seguras;

algũas tem armarios, mas em poucas sãõ fechados: Muntos dos baixos destas moradas sãõ forrados, e deçentes para se viver n'elles e goarneçidos dos mesmos utensilleos; todas as moradas tem hũa ou mais cozinhas; porem todas munto piquenas, e mal seguras; hã algũas moradas com cavalheriçes, porem poucas sãõ fechadas. O maior numero destas moradas tem necessarias. Todas a cazas sãõ edeficadas de cantaria miuda e soffrivel, e todas cobertas de telha; todas as moradas se alugãõ, ou juntas ou separadãmente por dia; o seo aluguel varia segundo a bondade do mesmo quartel, sua situaçãõ, concurso de doentes, e monepolio do alugador, mas ordinariamente o preço de cada salla he de 120-160-200-240 diarios. Costumãõ por hum calcullo medio render as moradas do Gerês a seos proprietarios anualmente 1.268\$600 reis. Pagãõ as moradas desta Aldea anualmente 28\$990 de fóros.

Na entrada da planiçe existe huma colina, entre esta e a fonte do Castanheiro que tira a vista de toda esta Aldea, nãõ se avistando senãõ de repente. depois d'estar dentro da mesma: logo na distancia hum terço da mesma planiçe, entre as cazas do Padre Felis e Abbade de Rossas existe hum terreiro quadrado, onde se vende em praça munta qualidade de viveres neçe sarios para os doente e para os sãos e seos criados, tais como galinhas, frangos, patos, algumas vezes aparece a perdiz e o coelho; diferentes generos de frutas, como sãõ laranjas, diferentes especies de Pêras; Pessegos, Ameixas, Maçans, Nozes, Uvas, Limãõ, etc. Horteliças, Couve, Celga, Borragem, Abobera. Feijãõ, Ervilha, Salsa, Hortelãõ, Beldroega, Cebolla, Alface, Pepinos, algumas vezes Repõlho etc. etc. etc. Aparece tãõ bem o pam trigo, milho, e mistura; todavia o melhor pam trigo que aparece nesta Aldea he o chamado da Ponte, e sobretudo o de Bouro, que ordinariamente costuma ali vir a vender de dois em dois dias. Pouco mais asima, do lado óposto, ha outro terreiro, aonde se vende a lenha, e erva em abundancia.

A lenha é munto boa e barata; ordinariamente vendese o feixe, que as serventuarias e naturaes do Villar-da-Veiga apanhãõ por aquellas serranias, pelo preço de 50-60 reis.

Tem a mesma Aldeia algũas Logeas, Vendas e Botequim, aonde se encontrãõ vinhos maduros, que vem de fora, e verdes que se lhe colhem naquele districto, ordinariamente munto ágrês; encontrasse nas logeas o Bacalhau, Aros, Asucre, Azeite, Vinagre, Sal, Vellas de sebo e Çera,

Prezunto, Unto, Louças, copos, garrafas e todos os mais precisos que são neçesarios para os doentes e sãos, durante a sua assistência ali.

Actualmente achase estabelecido entre esta Aldea e Braga hum correio, não só para o transporte das cartas para diferentes partes, mas tãobem para a condução de toda e qualquer encomenda que se lhe encarregue.

DESCRIPÇÃO DO CLIMA

A temperatura do clima neste sitio he bem irregular; em tempos de callor aqui redobra, pelos raios refletidos das altas montanhas de hum e outro lado, acrescendo o callor das Origens Thermaes e não raras vezes o callor do incendio das montanhas, que os naturais costumão atear nos dias de maior callor, e empedindo a mesma altura das montanhas a renovação, e ventilação d'Atmosfera; na prezença de todas estas circumstanças dão-se dias de callor inseportavel naquelles sitios. Pelo contrario em dias turbos e de nevoeiros atraindose estes pelos cumes das montanhas, e encanando o vento, Norte, ou Sul, pelo Corgo, ou Angullo entrante, que segue á mesma direcção, e a prezença da proximidade do rio, são circumstancias, que tornam muntos dias ali, e principalmente manhãs fregidissimas.

DESCRIPÇÃO DAS FONTES POTAVEIS

«*Emicant benigne passim in pluribus terriis, a libi frigidae, a libi calidae, a libi junctae* = Plinio» (1).

Aquelle sitio he abundante d'agoas doçes, ou potaveis; ha muntas naçentes princepalmedte na margê esquerda do rio, cuja temperatura anda de 12-13 graos. Na margem direita defronte das primeiras cazas chamadas do Banheiro, na baze da montanha junto do carreiro que guia para Cobide, brota de huma pênha huma nascente doçe, que corre

(1) Brilham jucundamente aqui e alem, em várias terras, aqui frias, ali quentes, além misturadas.

por huma telha munto pura, e com preferença se uza d'ella principalmente para o uzo do chá. Todas as nascentes da margem esquerda participão mais on menos da natureza das origens Thermaes — *talis sunt, aquae, quallis, terra per quam fluunt.* = Plin. (1). A primeira nascente existe dentro da tapada do Cappitam Mor por tras das casas do mesmo. Ordinariamente esta fonte so serve para os inclinós das mesmas cazas, a sua temperatura he graos (2).

A segunda nascente existe junto ao muro da mesma tapada pela parte detras das cazas chamadas do Posso forte, a sua temperatura he de 19-20 graos. O vulgo chama a esta fonte de Santa Luzia, quiçá por ter aproveitado em algũas inflamações d'olhos em rezão da sua temperatura; ou sera por ter alguma argila indisolução? Na parte posterior da primeira e segunda morada de cazas abaixo do primeiro Posso (Almas) ha tãobem 3 nascentes cuja temperatura anda ordinariamente por 15 graos.

Muntos doentes principalmente os que uzão de banhos quentes, uzão desta agoa para evitar alguma constipação; por isso à nascente mais abundante muntos a dominão *fonte dos doentes*. Na parte superior das antepenultimas e ultimas cazas ha 2 nascentes, ordinariamente correm por hũa telha, a primeira he mesçível com com agoa do prado, que lhe fica sobranceira; a segunda ordinariamente pelo tempo de grandes calores seca. Da mesma banda no principio da planiçe, junto a baze da colina que encobre a Aldea das Caldas, brota uma nascente a que chamam fonte da *Areia* talvez porque na sua nascente expelle algumas arêas, cuja corrente atravessando o principio da planiçe vai submeter-se debaixo das casas do Abbade de Lobrigos: esta nascente he singular pela sua constante e inferior temperatura, ordinariamente de 11 graos; talvez seja esta a rezão de ter aproveitado em algumas diarrheas supervenientes ao uzo das agoas thermães, por cuja virtude exageradamente a especializou Fr. Chritovão dos Reis (Cap. 11).

Ha finalmente antes d'entrar na Aldea das Caldas, e subir á Colina que a encobre junto da estrada da parte do Nasçente, huma fonte que

(1) Tais são as águas, qual a terra pela qual correm.

(2) Não estão indicados, no original, os graos. (T. M. S.).

chamão do Castanheiro com sua pia, cujo nome consta lhe viera da existência de hum Castanheiro que havia pela parte de sima ; esta fonte he a de mais uzo em aquelle sitio, tanto para o uzo das cozinhas, como de bebida dos doentes, como das cavalgadas. Fr. Christovão dos Reis pela sua chimica imaginaria attribuiu a esta fonte grandes virtudes medicinaes ; o certo he, tanto pelas mudanças que apresenta pela infuzão do chá e pela sensação de pezo que produz em alguns estomagos não habituidos ao uzo d'ellas, que não se pode reputar simples.

Em outro tempo aparecia huma Nascente d'agoas ferruginosas no sitio onde hoje estão edificadas as Cazas do Abbade de Lobrigos, cujos vestigios ainda hoje se offereçem pela parte posterior das mesmas cazas ; mas, ou fosse pela alteração que sofrerão na edificação das mesmas cazas, ou por se miturarem com agoa do rego que lhe passa sobranceiro, offereçem piquenas qualidades e nehum uzo.

CAP. 4.º

DESCRIPÇÃO DOS BANHOS

Na baze da montanha da banda do Nascente brotão de huma Penha na extensão de 100 pés, 9 Origens de Agoas Thermaes, que diferem na sua temperatura e quantidade, recebidas em 10 tanques, goarnecidos de piquenas cazas numeradas (pelo plano da reforma) do Sul para o Norte, que servem para o uzo dos banhos, os quais passamos a descrever pela mesma Ordem numerica (Vid. Est.).

N.º 1.º

ALMAS

A caza do n.º 1.º tem huma figura parallelogramica de 15 pes de cumprido e de 5½ de largo ; he forrada e cuberta de telha, devedida por hum perpianho da caza do 2.º banho, d'altura e segurança sufeçiente ; he todo rebocado, a excepção do lado da Penha donde exsuda alguma agoa, que dificultozamente se podera extancar ; he goarneçada

de porta segura, sem fechadura; tem um asento de pedra, do lado da caza com que parte e hum cabido do mesmo lado para dependurar as roupas; tem espaço suficiente para os enfermos se despirem, limparem e vestirem, tudo obra do plano da nova reforma. Consta que antigamente este banho e o 2.º formavão hnm só, feito com as esmollas dos bemfeitores por cujo motivo se lhe tinha gravado sobre a porta a inscripção seguinte: «*Quem entrâr neste banho rezara hum Padre Nosso e huma Ave Maria pelas Almas*», donde lhe veio o nome, que inda hoje conserva, cuja inscripção se destruhio pela reforma de 1815. Com o andar dos tempos dividio-se este banho em 2, por meio de hum perpianho furado, baixo, e mal seguro que devassava hum outro banho, ficando com huma unica porta comua a ambos e fronteira aos tanques, e com pouco ou n'hum espaço em roda dos mesmos tanques, de telhavam, mal reparados, e o primeiro acanhado com hnma escada pertencente as cazas com que parte do masmo lado, faltando-lhe dois passos para nivellar com a fronteira das cazas como hoje se acha, athe que em 1815 forão reduzidos hum e outro ao perfeito melhoramento que fica descripto.

Depois da repartição deste banho em 2, muito povo ficou chamando indevidamente ao n.º 1.º — *banho fresco* — que inda hoje não he possível fazer esquecer esta denomição, e reservarão para o 2.º a denominação — *d'Almas* — para fixar de huma ves as ideias e para conservar a denominação antiga e não aplicar indebidamente o nome de fresco a hum banho de 96 graos para sima que quando muito (segundo Macard), so lhe competiria a denominação de temperado. Pelo mesmo plano fixei para o n.º 1 a denominação de — *Almas* — com o que daqui em deante fica asignalado e para o 2.º a denominação de — *Santo Antonio* — A Caza do n.º 1.º contem hum tanque de figura quazi parallelogramica de 4 pes de largo, e de 5 ½ de cumprimento, e de 1 ½ de profundidade, todo de cantaria, e do lado do Nasçente contiguo com a Penha; tem sua Nasçente privativa do mesmo lado, no angullo da banda das cazas, cuja quantidade he mediocre gastando 2-3 horas para se encher; a sua temperatura não he das mais subidas, nem das mais inferiores daquelas Origens (Veja-se Estamp...)

Este tanque, tanto pela sua temperatura ser ordinariamente igual á do callor da Maquina Animal, como pela crença que o povo çega-

mente tributa á Virtude de suas agoas, ou ao seo local, com preferença áos outros, he certamente o de mais uzo naquellas Caldas, achandosse apeñas de vago durante a sna enchente. Ele tem capacidade para receber commodamente 4 pessoas a banharem-se. Sua temperatura ordinaria he de 96 graos; tem todavia suas variações segundo está mais ou menos cheio; segundo se tem banhado maior, ou menor numero de pessoas; segundo o estado de temperatura d'Atmosfera, e finalmente segundo se conserva a porta, mais ou menos tempo aberta, ou fechada. (Vid. Est.)

N.º 2.º

SANTO ANTONIO

A caza do n.º 2.º, contigua á do n.º 1 e a do n.º 3.º tem tãobem huma figura parallelôgramica igualmente bem forrada cuberta de telha, rebocada, e goarneçada de porta sem fechadura; por sima da porta esta marcada com o n.º 2, tem duas frestas para dar lus a mesma caza; bem como a do 1.º por sima do perpianho que as separa.

A mesma caza he contigua a Penha da banda do Nasçente, e desta mesma parte, no angullo da parte do Norte, brota a nascente chamada — da Bica — que, apanhada na mesma rocha, he conduzida pelo mesmo lado encostada a parede da Caza N.º 3.º por hum cano de pedra rebocado e reunido com machas femias na extensão de 16 pes, athe se lançar á frente dos Banhos, onde cahe por hum bocal de ferro, onde se bebe; o resto he recebido em huma pia redonda goarnecida de seo cribo de ferro para impedir as imundições, e reconduzida novamente para o interior, dividindo-se em duas partes deziguaes, a maior vae encher o tanque N.º 3.º e a menor o tanque n.º 2.º, em ambos cahe por huma biqueira de ferro. Esta repartição d'agoa pode graduar-se á vontade. Na fronteira desta caza, no entrevalo que medea entre a porta e a esquina da caza N.º 3.º, cahe, como se dlçe, a agoa donde se bebe, cuja temperatura se pode ver na Est. sem ter perdido da sua temperatura. Esta nascente afora a do Forte, he a mais abundante. Sobre este vocal se acha a denominação — Bica — G.^r — 110. F.. Sobre esta ins-

cripção se acha embutido na parede em figura oval, o Escudo das Armas Portuguezas. belamente pintado, goarnecido inferiormente com a inscripção seguinte; «Feito á custa do Doutor Provedor da Comarca de Guimarães, e Colocado em Agosto de 1816»;

Quando o Rei, antes Pai, chamarse deve,
He sempre Philantropo o Magistrado,
Asim =Barrozo =desta fonte a idea,
Bebeu na fonte do Real Cuidado.

1816

No lugar correspondente a este quadro e ao bocal da Bica fesse crescer hum coberto fora do nivel do telhado para acautelar que as chuvas o não destruiseem, nem se misturassem á agoa da pia que a recebe do bocal.

O tanque desta caza he tãobem de huma figura parallelogramica de 5 $\frac{1}{2}$ pes de cumprido e de 4 de largo e de 1 $\frac{1}{2}$ de perfundidade, todo de cantaria. O seo leito foi puxado para o lado da Bica no plano da Reforma: podem nele tomar banho 4 pessoas commodamente; a sua temperatura ordinaria he de 93 graos, porem como a distribuição d'agoa, como asima se diçe, he variavel, tãobem fica sendo a sua temperatura na Bica e no tanque, alem doutras circumstanças, como são o estar mais ou menos quantidade d'agua no tanque, ter tido mais ou menos uzo, estar ou não a porta cerrada e finalmente segundo o estado d'Atmosfera. (Vid. est. n.º)

Antes do Plano de Reforma 1815, como a agoa se bebia mesmo na Rocha, onde a caza deste banho como da Bica formavão hum angullo agudo, hera o acesso a mesma mais defícil e menos expedito, principalmente quando havia concurso de munta gente se via na necessidade de esperarem huns que sahissem os outros: acrescia a isto a imundiçe e lamaçal que ali se formava pela agoa estravazada, e facilitava os toques abçenos; finalmente a distribuição d'agoa para este segundo tanque hera toda arbitraria e inconstante. A capacidade da caza hera apennas pouco superior á do tanque: hera de hum e doutro lado devassada pelos olhos indiscretos, em consequencia dos perpianhos

singelos, baixos e furados. A porta commua ao primeiro banho hera fronteira ao tanque, coberta de telha vam, bem como o primeiro e ambos sem porta. Estas duas cazas e seos tanques são de huma edificação munto posterior á edificação dos 6 de figura piramidal edificados no felis reinado d'El-rei D. João V.

A nasçente da Bica, que brotava da Rocha por huma larga embocadura reunida e sahindo agora por um canal mais estreito, na piquena extensão de huma braça reunido por machas femeas e perfeitamente betuminadas, feito de pedra, materia pouco ou nada conductora do calorico; e esta mesma voca forrada interiormente pelo inducto verdoengo que as mesmas agoas depositão, herão circumstancias que d'antemão nos persuadião que a mesma nasçente nada podia perder do seo calorico (como o povo cegamente se queria persuadir, induzido por maquinações dolozas) nem por consequencia as substancias, quais quer que ellas seião, gazeficadas pelo calorico; este juizo foi corroborado com exame comparativo das experiencias thremometricas, feitas com diferentes thremometros, e em diferentes tempos, desde o anno de 1811 athe ao anno da Reforma de 1815, e desde este athe o actual, donde se conclue que a temperatura nada tem deminuido e as pequenas deferenças que se encontrãõ são devidas a maior ou menor perfeição dos thremometros, não só os de diversos A. A., mas ainda mesmo nos do mesmo A. e da mesma escala, como tive a ocazião d'observar sobre este mesmo objecto com dois feitos por M. Háás em Lisboa, que ambos já perdi e hoje me sirvo para este mesmo fim de hum piqueno com escala de 130, feito por Mr. Fagli-abue em Londres, que comparado com outros, marca constantemente menos grao e meio, mas nestas piquenas deferenças de Thremometros qual se podera dizer mais verdadeiro? (Vid. Est.).

N.º 3.º

BICA

Este banho tomou a denominação por receber agoa de huma bica, que ápanhava da rocha donde antigamente se bebia. Tem huma caza quadrada, de 9 pes e 9 pollegadas; e a porta de 3 pes e 8 pollegadas.

Termina por huma piramida tãobem quadrada, com seos espiracullos; he rebocada, e está goarnecida de duas portas; tem da parte superior da porta um assento de pedra; tem do mesmo lado hũa piquena janela. Dentro desta caza, incostado ao lado do Nascente, hã hum tanque todo de cantaria de huma figura quadrada, de 6 pes e 3 pollegadas, com profundidade de 2 pes e 1 pollegada, com hum degrão do lado da porta para desçer ao mesmo. Tudo isto he obra d'El-Rey D. João V.

A temperatura ordinaria deste banho he de (1) do Thermometro asima referido (Flagli-abue) ainda que oferece algumas differenças, segundo diferentes circumstancias, já em outro lugar apontadas, como são estar mais ou menos cheio; ter servido mais ou menos; e segundo o estado d'Athmosfera; e o ter-se enchido com a porta aberta ou fechado, (Vid. Est).

Este banho tanto em rezão da sua temperatura como da capacidade e asseio, e finalmente pellos bons effeitos que a expereença tem feito conhecer, he certamente o de mais uzo nestas Caldas; athe ja demunta antiguidade lhe chamão o banho do Reumatismo.

N.º 4.º

FIGADO

Este banho tomou esta denominação por se banharem nelle aquelles individuos que padecem molestia de pele, e que o povo indistinctamente chama molestias de Figado. A caza desta banho he de hũa figura quadrada de 9 pes e 9 polegadas e a porta de 3 pes e 8 polegadas, goarnecida de duas portas; termina por huma pyramida quadrada da mesma forma que o 3.º com seos espiraculos; tem dentro seo asento de pedra; e huma jenelinha da parte de sima da porta: he rebocado. Dentro desta caza, encostado ao lado do Nasçente, ha hum Tanque de figura parallelogramica de cumprimento de $9\frac{1}{2}$ pes e de largura de $4\frac{1}{2}$ pes e de profundidade de $1\frac{1}{2}$ pes. Enche-se por huma biquinha

(1) O original tem o espaço em branco (T. M S.).

de ferro, que cahe no angullo posterior da parte superior em piquena quantidade, por cujo motivo leva munto tempo a encher. Sua temperatura ordinaria he de 88 graos no Thremometro referido, offerecendo suas differenças pelas circumstancias apontados no N.º antecedente. O uzo mais ordinario deste banho he em todas as molestias de pel e



ANTIGOS POÇOS

Reprodução de um vèlho bilhete postal

A' esquerda, de capote e barrete, o velho Frutuoso, homem da região, arvorado em *técnico* e *mestre* para as prescrições das doses e da applicação das A'guas, cujo nome ainda se conserva nas tradições do Gerez. — A casa alpendrada que se vê, era a casa do Capelão

excessos e irrregularidades de sensibilidade nervoza. A construção deste banho, como mostra na sua architectura, he da mesma data que o N.º antecedente.

N.º 5.º

DUAS BICAS

Este banho tomou esta denominação em rezão d'agoa apanhada da Penha cahir nelle por duas calhes, que hoje se reunirão em huma e

cobrirão com huma telha revocada. A caza deste banho, bem como o seo Tanque feito á custa dos donativos dos bemfeitores, he de huma edeficação munto posterior á dos dois N.^{os} antecedenes. A caza tem de cumprido 10 pes e 3 polegadas — largura 8 pes e 8 polegadas. He construhido de huma pedra mais miuda; hera cuberto de telha-vam, porem prezentemente pela Reforma de 1815⁽¹⁾ foi forrado, e dividido do N.^o 6.^o por hum perpianho alto, seguro, e bem juntado.

Tem hum Tanque quadrado, de cantaria, de comprimento de 4 pes e 6 polegadas, com a perfundidade de 1 pe e 10 polegadas. A sua temperatura ordinaria he de 85 graos, oferecendo suas variações pelas mesmas circunstancias apontadas nos Numeros antecedenes. Reçebe agoa no angullo posterior, e inferior, em piquena quantidade, de maneira que gasta munto tempo a incher-se. O seo maior uzo he nas affeções hemerroidaes, molestias de pel, menorrhagias, neucorrhœas etc. Seria bem util e seguro que a caza deste banho, bem como a do N.^o 6.^o se fizessem de hũa arquitetura em tudo semelhante á dos dois N.^{os} antecedenes, sobre tudo para evitar as ruinas que lhe podem cauzar os projecteis lançados da rocha sobrançeira (Ved. Est.)⁽²⁾.

N.^o 6.^o

LOURENÇO BORGES

Este banho tomou o nome daquelle bem feitor, que mais concoreo para a sua construcção. Taobem muntos lhe chamão o banho

(¹) — Fala-se em vários pontos dêste trabalho, na reforma de 1815. Ignoro qual ela tivesse sido e interessante seria averiguá-lo para a história da evolução da estância. Nunca encotrei qualquer referência a seu respeito; teria sido emanado do poder central, visto o Gerez ter pertencido sempre ao Estado, pelo menos desde que D. João 5.^o o tomou sôbre o seu patrocínio? Ou quererá o autor referir-se aqui ás obras que êle indicou em 1815 como urgentes e fôram, naqêle mesmo ano e no seguinte realisadas pelo Provedor da Comarca Francisco Barroso Pereira, como adiante se relata? (T. M. S.).

(²) — Na estampa indicativa dos banhos e nascentes publicada nos dois livros do Prof. Ricardo Jorge, *Gerez Thermal e Guia Thermal*, vem, a seguir ao Tanque ou banho denominado Duas Bicas e o chamada Borges, um outro com o nome de Táboa, o qual, ao que parece, receberia a água da nascente do Borges, elevando assim para onze o número dos Tanques. (T. M. S.).

do Telhado, cujo nome lhe veio certamente de ser o primeiro construido, e cuberto de talha dipois dos 6 d'abbobeda, de edificação mais antiga. A caza deste banho tem de cumprimento 10 pes e 3 polegadas, de largura 8 pes e 8 polegadas, he igualmente construido de pedra miuda, da mesma forma que o N.º antecedente, cuberto de telha e ultimamente foi tãobem forrado. Tem hum Portal de 3 pes e 1 polegada goarneçido de sua porta, como os antecedentes. Este e o antecedente inda estão por rebocar, o que se fazia bem preçizo. Tem huma piquena jenela da parte superior da porta. No angullo superior, e posterior, desta caza tem um tanque de figura quadrada de 4 pes e 6 polegadas e com perfundidade de 3 pès e 3 polegadas. Este tanque recebe ago^a pelo mesmo angullo asima referido, por duas bicas de ferro, huma baixa, mais piquena, que era a sua nasçente mais antiga, e outra alta, mais abundante, que foi trazida pela Reforma de 1815 da Nascente do Poço forte, a qual pela sua altura e temperatura oferece huma especie de bomba tão comoda para as emborçações, de que munto se uza. A abundancia destas duas Nascentes fas com que o Tanque se encha munto prontamente; porem em rezão da sua subida temperatura, de graos (1), tem o menor uzo do que o da Bica. Esta temperatura, bem como a das suas bicas, offerece alguma variedade. (Vid. Est.).

N.º 7.º

FIGUEIRA

A denominação deste banho lhe veio de hũa figueira, que antigamente tinha pela parte de traz. A caza he de huma figura quadrada de 10 pes e 9 polegadas e terminada por hua piramida da mesma figura com seos espiraculos; tem huma pequena jenela da parte superior da porta; tem porta segura sem fechadura: não tem assentos, nem esta ainda rebocado, do que bem precisava. Encostado á Penha, da banda do Nascente, tem hum Tanque de 4 pes e 9 polegadas de cumprimento,

(1) No original está o espaço em branco (T. M. S.).

de 3 pes e 8 polegadas de largura, de dois pes e 2 polegadas de profundidade, com hum degrao de cada lado, e tres da frente por onde se desçe.

A nasçente deste banho desçe da Rocha da parte posterior em piquena quantidade, e porque gastava munto tempo a encherse, se lhe juntou por hũa bica de ferro hũa piqueña quantidade da calhe que conduz a agoa da nascente do Forte ao N.º 6.º. A temperatura ordinária deste banho, com as duas Nasçentes, he de 100 graos, offerecendo aquellas variedades filhas das circunstancias, que nas anteçedentes se apontarão (Vid. Est).

O uzo deste banho he bastante extenso porque todos aqueles individuos que em rezão das suas molestias percizão de banhos de hũa temperatura superior á da Maquina Animal, como são Reumatismos, Paralezias, Contra Ações etc. etc. depois de terem tomado alguns banhos inferiores á temperatura da Maquina entrão no uzo deste banho, antes de pasarem a outros de temperatura mais subida o que ordinariamente he o da bica. Alguns muntas vezes não passam a outro banho mais subido do que este por lhe não convir, e muntas vezes por não poderem suportar.

N.º 8.º

Em outro tempo, quando não existião senão os seis banhos de abobeda, e que herão numerados de sima para baixo, se denominava o 3.º; hoje, porem, pela nova numeração fica em N.º 8. A casa deste banho he de huma figura quadrada de 10 pes e 9 polegadas e termina por huma piramide da mesma figura com seus espiraculos, todo de cantaria; tem huma jenela piquena da parte superior do portal, e este goarnecido de huma porta: não tem assentos, nem esta ainda revocado, o que era bem util. Encostado ao lado do Nascente tem hum Tanque de cantaria que tem de cumprido 4 pes e 9 polegadas, e de largura 3 pes e 8 polegadas, de profundidade 2 pes e 10 polegadas, hum degrao de cada lado, e tres da frente para descer para o mesmo banho.

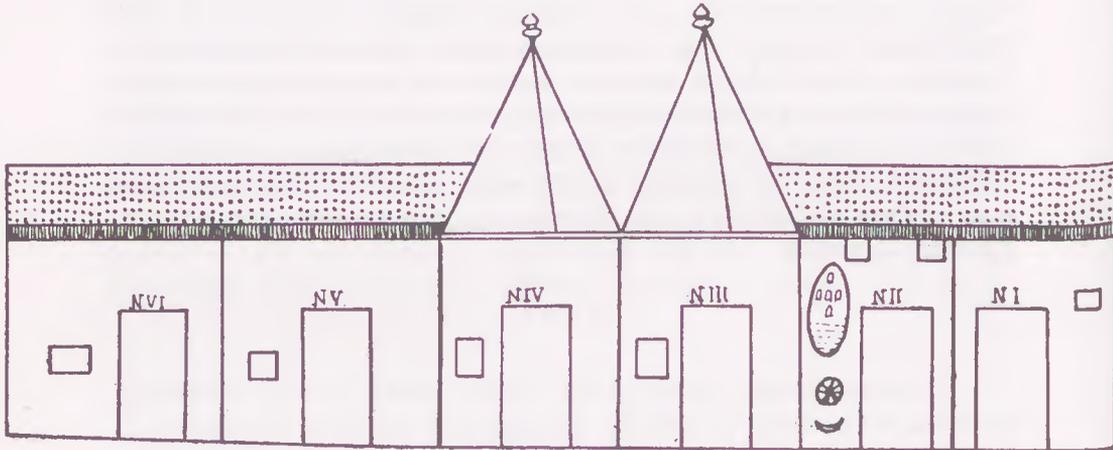
Este Tanque não tinha nascente propria; enchia-se com agoa que trespordava do Contraforte e deste hia encher o da Figueira; porém no anno de 1816, procurando-se agoa, na parte posterior da parede da

caza, do lado do Nascente se achou huma abundante Origem que, suposto nascese funda, se lhe formou huma especie de caldeirão para a fazer montar asima do Poço com que se enche prontamente, montando a huma temperatura subida. (Vid. Est.). Pela descoberta desta nova origem o vulgo lhe ficou tãobem chamando o Poço das agoas-novas.

N.º 9.º

CONTRAFORTE

Esta denominação lhe veio por ter huma temperatura na escalla i~mediata á do banho forte, e mesmo pela sua proximidade local ao



ESTAMPA
(Copia do manuscrito original)

mesmo. A sua caza he de uma forma quadrada construhida de huma cantaria miuda, e terminada por huma Piramida quadrada com seos espiracullos; tem huma piquena jenela da parte superior do portal e este goarnecido com sua porta segura: não está ainda revocado, nem tem assentos o que lhe hera bem preciso. Encostado do lado posterior tem um Tanque de figura parallelogamica de 4 pes e 9 polega-

das de cumprimento e 3 pes e 8 polegadas de largura, e 2 pes e 10 polegadas de profundidade com hum degrao de cada lado, e tres na frente por donde se desçe para o banho, todo formado de cantaria. Tem nasçente propria e atravessando sobre a calhe que conduz a agoa do Pôço forte, vai encher o Tanque. Esta nasçente depois da do Forte, e da da Bica, he a mais abundante. A sua temperatura e a do Tanque... (Vid. Est.).

O uzo deste banho he menos extenso em razão da sua subida temperatura: são poucos os doentes que o podem suportar a não ser aquelles de constituição robusta, e que sofrem Reumatismos antigos e refractarios; todavia tomãose neste Tanque muntos banhos locaes, em molestias tâobem locaes, e mesmo nas geraes, quando tem feito tiro (?) a alguma extremidade ou articulação.

N.º 10.º

FORTE

A denominação deste banho veio-lhe da maior temperatura sobre os outros banhos, como acontece em todas as outras Caldas. Tem huma caza quadrada semelhante ás dos tres ultimamente descriptos, de cantaria miuda, e Piramida quadrada, que terminava da mesma maneira que os outros; consta fora demolida de mandado de hum Bispo (talves seja esta a rezão, porque Link nas suas Viagens a Portugal, diz que hum banho se chamava o do Bispo) por não se poder suportar o callor d'Atmosfera dentro daquella caza.

Consta que o mesmo Bispo deixára 5 moedas para se rectificar mais commodamente, cujas a Camera do districto consumira. Seria util e cómodo para evitar os inconvenientes de estar ao ar aberto, bem como aos inconvenientes que se seguião da concentração dos vapores pela abobeda da natureza e forma das outras, se cobrisse piramidalmente de telha-vam. Está ainda sem ser revocado e sem porta, da qual bem preçiza. Tem sobre a porta a inscrição seguinte: *Aegri surgunt sani* (¹). Dentro desta caza ha um Tanque quadrado de 6 pes e 2 polegadas com

(¹) os doentes saem sãos.

profundidade de 2 pes e 2 polegadas, com um degrao de cada lado; e duas devizões dos mesmos lados fazem caza para tres banhistas de cada lado; com tres degraos do lado da frente por donde se desce para o banho; todo edificado com pedra de cantaria.

A temperatura desta Nasçente, he. não só a mais subida (117 graos), mas tãobem a mais abundante: parte della foi apanhada pelo Plano da Reforma de 1815 e conduzida por hũa calhe de pedra, encostada á baze da montanha pelo lado interno e posterior dos banhos athe ao N.º 6.º, podendo neste curso menistrar agoa a todos os 6 banhos ultimos por piquenas bicas de ferro transversaes, obra de munta utilidade, não só porque se pode graduar a temperatura dos 6 Poços á vontade, mas tãobem evitar que huns se vão enchendo sucesivamente com agoa que tresporda dos outros, podendo acarretar comsigo mil immundições e athe fócios de contagio, e finalmente não poderem graduar-se.

A temperatura do Tanque do Forte he ordinariamente de 112 graos, tendo todavia suas variações segundo as circumstançias já apontadas em cada hum dos outros tanques, como são estar á mais ou menos tempo cheio, ter servido mais ou menos para o uzo dos banhos, e segundo estado d'Athmosfera, munto prinçipalmente em quanto se conservar descuberto em pleno ar, e sem porta, que todos os outros tem pintadas de vermelho. Seria bem util que este tãobem a tivesse, bem como os mais reparos, por serem mais neçesarios em banhos de temperatura mais subida, em consequencia de ser mais facil a supressão da transpiração, augmentada pelo uzo de taes banhos.

O uzo deste Tanque he mais para banhos locaes do que geraes. Se se augmentase o leito deste tanque, o que a caza permite, tornar-se-hia de uma temperatura mais baixa, e de mais uzo. O sitio da Nasçente offerecia lugar para a edificação de hum banho de vapores tão necessario e perferivel em muntos cazos.

PLANO

De melhoramento sobre as Caldas do Gerès offerecido ao Dr. Provedor da Comarca de Guimarães Inspector das mesmas Caldas por

Provizão Regia, na sua Coreição de 26 de Julho de 1815, pelo Medico das mesmas Caldas José dos Santos Dias.

São muntos os objectos que nestas Caldas percizão não so millo-
rarem-se, mas tambem innovarem-se. Muntos delles podem logo pôr-se
em execução por cahirem debaixo da alçada do Dr. Provedor superin-
tendente destas Caldas, por Provizão Regia antiga, e por exigirem
mediocres despezas: tais são os que fazem objecto do Cap. 1. Outros
porem percizão de maior delonga, por exigirem maiores despezas, cujo
fundo he percizo estabelecer, e percizão para sua execução de rezolu-
ção immediata de S. M. e fazem o objecto do Cap. 2.

CAP. 1

1.º — Conduzir a nascente da bica por hũa calhe de pedra bem bitu-
mada ao longo do banho da bica, ate a frente do mesmo, onde deve
cahir por hũ bocal de ferro dentro de hũa pia para tornar a ser recon-
duzida a encher o banho da bica, e Almas, ou N.º 2.º, com a distribuição
que convier.

2.º — Abolir a escada da caza que acanha a entrada do banho N.º 1.º
e puxar a caza deste e do N.º 2.º a facear com a caza do banho da
bica e com a mesma caza de que se deve abolir a escada, e repartir
o espaço em 2 banhos iguais.

3.º — Conduzir agoa da nascente do banho forte por hũa calhe de
pedra descoberta. encostada a parte posterior das cazas dos banhos,
para desta calhe se encherem successivamente, e não com agoa ruim
dos outros como ato aqui, os banhos Contraforte — Figueira — Terceiro
e Borges, chegando a este a calhe com altura sufficiente para fazer
embrocções.

4.º — Concertar as calçadas junto á ponte do Cavado, e esta en-
chella d'area, pergando-lhe do lado huns emparos para ella não cahir.

5.º — Limpar o cascalho do Passeio, e desentupir o cano que dá
vazão a agoa dos poços.

6.º — Concertar e ajustar sobre a Fonte da Bica hũ retabulo com
as armas reaes e com a inscrição = a pag.

7.º — Rebocar e alvejar todas as cazas dos banhos por dentro e fora, onde se percizar.

8.º — Guarnecer todos os Banhos de Portas com chumbadouros, e pintalas de vermelho, e a oleo.

9.º — Retelhar o Banho Borges, Fresco, Almas, e Santo Antonio.

10.º — Betumar os Possos que percizarem, e os canos das nascentes.

11.º — Pôr bicas de ferro em todas as Nascentes dos Possos para lançarem as agoas em fonte.

12.º — Graduar todos os Possos e Batizallos com o nome mais a propozito, e por-lhe na porta de cada Banho o nome e o N.º delles, em letra Romana, e o N.º dos Graos em letra Arabica
qr. Reaumur Farinhem.

13.º — Fazer hũa parede baixa e forte para impedir a entrada dos animaes por traz dos Banhos, junto as cazas do Cappitam Môr.

Todos estes artigos foram prehenchidos perfeitamente pelo mui habil, e zelozo Provedor da comarca Francisco Barrozo Pereira, mandando para este fim para aquelle sitio dous dos seus officiaes os mais habeis, e extrahindo dinheiro do accrecimento das sizas das Camaras vezinhas para estas obras, o qual foi depois abonado pelo Erario Regio, nas quaes se travallou no ano de 1815, e se concluirão em 1816.

CAP. 2

1.º — A modificação de hũa ponte segura e ampla sobre o rio Cavado, para facilitar hũa commoda e prompta passagem áos enfermos concurentes, e viveres que se transportão para as mesmas Caldas. N (ª)

2.º — Requerer hũ emposto moderado sobre esta ponte, exigido

N (ª) — Quando se fizerão as obras das Caldas pelo anno de 1735, por ordem d'El Rey D. João V, edificou-se hũa ponte de pedra sobre o rio Cavado, porem, ou fosse pela sua má construção, ou violencia das águas ali reunidas e despenhadas, consta que a sua duração não se extendeo alem de dous annos (Fr. Christovão dos Reis pag. 3).

Pelo decurso dosannos tem-se feito no sitio varias pontes de pao, de mais, ou

ãos passageiros por ella, cujo *emposto*, junto á decima e foros que pagão as cazas das Caldas, reuniria hũ fundo sufficiente para o reparo e edificação das obras precisas nas referidas Caldas.

3.º — A redi.icação das Estradas, que de diferentes partes se dirigem para as mesmas Caldas, principalmente a parte destas que servem ao passeio das agoas, e hũ muro de tres a quatro palmos ao longo da Estrada que corre sobre a aldea das Caldas para o Nordeste, de modo que não privando a vista d'Aldea áos passeantes enfermos, os ponha ábrigo dos precepicios ali tão emminêntes.

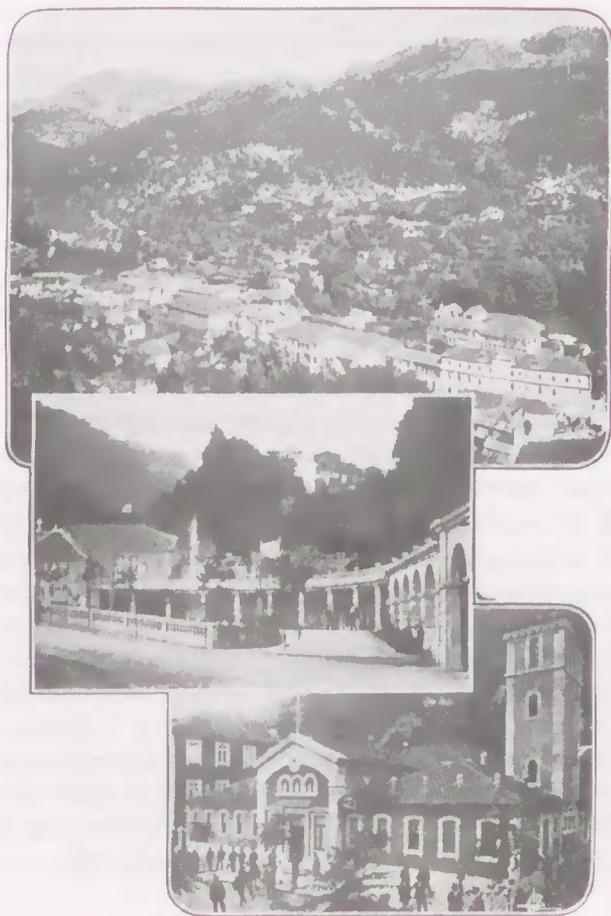
4.º — O sitio das Caldas tornar-se-a mais abundante em viveres e de menor preço, tanto para os enfermos, como para as cavalgadurrs; e as jornadas para muntos enfermos mais curtas e faceis pela abertura de hũa Estrada para a freguezia de Covide atravez da serra, em hũa legoa de distancia, e outra em igual distancia para a Portela de homem, na direcção da Galiza.

5.º — A factura de hu passeio na margem direita do rio e paralelo ao mesmo rio em toda a extensão da Aldea das Caldas. e com cumunicação para a mesma sobre o rio nas duas extremidades, seria de munta utilidade para o passeio das agoas, tâto pela falta de sol pelas 4 horas e meia da tarde, como por ficar hũ passeia abrigo do incommodo das cavalgadas, e final acreceria o ser mui vistozo sobre a mesma Aldea.

6.º — Do augmento do numero dos Poços tão necessario para chegar ao numerozo concurso de doentes que ali concorrem rezultarião immensas utilidades: já deste numero se poderião distinar poços particulares para exclusivamente tomar banhos os doentes atacados de molestias de pel contagiozas, tão faceis de se propagarem no uzò de banhos quentes tomados premiscuamente, como aqui; ja os enfermos se não verião na perciza necessidade de tomar banhos em horas incompetentes d'alta noite e porximos as comidas, pela falta de poços suffe-

menos duração, segundo a sua duração, a grandeza dos invernos, e egoismo dos barqueiros, que as tem destruhido, como aconteeo no inverno de 1814 para 1815 Na margem esquerda do rio se offrece ainda visibelmente o pedestal do arco da ponte de pedra, donde se tem extrahido pedras para a formação da ponte de pao, como este anno aconteeo. Seria de maior segnrança e duração, e talvez menor despeza, hũa ponte de ferro de construção e uzo já tão conhecido nas nações estrangeiras.

cientes em numero e temperatura. Para este augmento de numero de poços se poderia puxar a origem do Poça forte, de 12o graos, atravez



GEREZ MODERNO

Vista geral do Gerez – Colunata junto das nascentes
– Balneário de 1.ª classe

da rua, e encanada dar agoa para hũa galeria de poços formados na parte oposta da rua, parallelos aos antigos poços. Daqui rezultarião

tambem poços de differente temperatura, segundo a sua maior ou menor distancia da nascente.

7.º — A construção de hũ sino de torre para servir de regulamento no uzo das agoas aos enfermos, prencipalmente a classe do povo desprovidos dos relogios d'algibeira.

8.º — A situação dos Banhos, immediata a despenhada fraga onde brotão as agoas e no fundo da ingreme montanha, faz que a agoa das chuvas e algũas nascentes venhão misturar-se a dos banhos e mesmo sujalas pela areia e imundice que as mesmas agoas acarretão. Para evitar este grande inconveniente devia formar-se sobre os mesmos banhos hũ rego ou condutor das agoas de cima ate baixo, seguro, excavado, já na terra, já na fraga, já simintado com cal, pedra, e area onde fosse depremido o terreno, para bem e seguramente prehencher o seu fim.

9.º — Ha quem lembre para promover este Estabelecimento de bem publico, seria o melhor plano a Instituição de hũ Hospicio de Frades a quem se dessem certos pivilégios e rendas, como os foros d'estas terras, as contribuições reaes das cazas, a Botica, a Capelania, a Nomeação do Banheiro, o Proffessor clinico Director dos mesmos banhos, e terras para agricultarem quantas quizessem, havendo tantas incultas como ha, e daqui nova utilidade da agricultura.

10.º — Outros porem lembrão outro plano, que he a elevação deste julgado a Juiz de Vara branca, unindo-lhe o concelho da Povoia e Vieira, este Menistro com obrigação de rezidir nas Caldas no tempo de seu uzo, e vigiar sobre toda a administração. Asistencia de hũ Juiz de Fora nestes sitios seria ainda de grande utilidade para os concelhos circunvezinhos onde não ha Juiz de Fora senão a grandes distancias: Braga e Guimarães.

11.º — Também tem lembrado, e já foi representado pelo actual Provedor, eregir o Médico das Caldas Almotace nas mesmas, prepetuo e independente da Camara e so responsavel ao Provedor Inspector, para cuidar em tudo o que he relativo a Policia e regulamento das mesmas Caldas.

«*Quae presenti opusculo desunt, suppleat aetas: non enim defferendum est tyrocinium in senectulem, nam quotidie crescit metus, majusque fit semper quod ausuri sumus: et dum deliberamus quando incipiendum incepere jam serum fit, quare fructum studiorum viridem et adhuc dulcem promi decet, dum et venia, et spes est, et paratus favor, et audere non dedecet*» (1).

QUINTILIANO

INDEX

Prefação	I — X
Cap I — Situação	1
Cap II — História	2
Cap. III — Discripção do local	26
Cap IV — Discripção dos Banhos	31
N.º 1.º : Almas	31
N.º 2.º : St.º Antonio	33
N.º 3.º : Bica	35
N.º 4.º : Fígado	37
N.º 5.º : Duas Bicas	38
N.º 6.º : Lourenço Borges	39
N.º 7.º : Figueira	40
N.º 8.º : Terceiro	41
N.º 9.º : Contraforte	42
N.º 10.º : Forte	43
Appendix	45
Cap. 1. : dos melhoramentos feitos	45
Cap 2. : dos melhoramentos a fazerem-se	47

(Cópia do Índice indicativo dos assuntos, por capítulos, e paginação referida ás folhas do manuscrito original.

(1) — O que falta ao presente opusculo, supra-o a idade (*i. é a experiência do leitor*); não se deve, com efeito, deferir o esforço para a velhice, pois cada dia cresce mais a pusilaminidade e mais vulto vai tomando o que temos de ousar. Enquanto deliberamos sobre quando havemos de principiar, faz-se tarde para a largada: por isso é conveniente tirar o fruto dos estudos enquanto esse fruto está fresco e ainda é doce, enquanto ainda há oportunidade e esperança, e bom acolhimento preparado, de maneira que ousar não é atrevimento

ÍNDICE

Introdução	3
Prefação	8
Cap. 1.º — Situação	13
» 2.º — História	16
» 3.º — Discripção do Sítio	32
» — » da Aldeia	32
» — » do Clima	34
» — » das Fontes Potáveis	34
» 4.º — » dos Banhos	36
» — » » » N.º 1.º — Almas	36
» — » » » » 2.º — Santo António	38
» — » » » » 3.º — Bica	40
» — » » » » 4.º — Fígado	41
» — » » » » 5.º — Duas Bicas	42
» — » » » » 6.º — Lourenço Borges	43
» — » » » » 7.º — Figueira	44
» — » » » » 8.º —	45
» — » » » » 9.º — Contraforte	46
» — » » » » 10.º — Forte	47
Plano de Melhoramentos	48
Index	54

GRAVURAS

Capela D. João V.	20
Santa Eufemia	29
Antigos Poços	42
Estampas	46
Gerez Moderno	52

Composto e impresso
nas Oficinas Gráficas
de Barbosa & Xavier, Lda.
4700 Braga (Portugal)

